

[ROTEIRO DE CINEMA]

[[]]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana B

tel
ara
nha



VILA PÉROLA

Felipe Eugênio Lovo

Vila Pérola

Felipe Lovo

© Felipe Lovo, 2025
© Biblioteca Pública do Paraná, 2020

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira
Normalização de originais: Juliana Sehn
Diagramação: Telaranha Edições
Arte final: Manoela Gonçalves Haas
Revisão: Guilherme Conde Moura Pereira
Comunicação: Hiago Rizzi

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lovo, Felipe
Vila Pérola / Felipe Lovo. – Curitiba, PR: Telaranha, 2025. – (Outras palavras)

ISBN 978-65-85830-21-8

1. Brasil - Fronteiras 2. Cinema - Roteiros 3. Etnia na arte 4. Paraguai - Descrição
5. Uruguai - Descrição I. Título. II. Série.

25-275010

CDD-791.437

Índices para catálogo sistemático:
1. Roteiros cinematográficos 791.437

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1^a edição
2025



[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

FADE IN:

TELA ESCURA / CRÉDITOS DE MARCA E APOIADORES

Marcas de patrocínios e apoios na tela escura.

Sons do comércio de Ciudad del Este no Paraguai invadem a tela; O barulho dos motores e buzinas dos carros produzem uma sinfonia, misturando diversas vozes, gritos, aparelhos eletrônicos e músicas de fundo. Alguns falam guarani, outros falam portunhol. Temos a sensação de estarmos passeando pela rua 25 de Março em São Paulo.

VENDEDOR
Viagra, viagra! Remédinho azul!

VENDEDOR 2
Meias? Meias, senhor...

PESSOA 1

Deracoreee! ("Filho da puta" em guarani)

TRANSEUNTE

O que procura, senhor?

VENDEDOR 3

Armas? Drogas? Da branquinha? Barbeador?
Camisinha musical?

Agora ouvimos mais nitidamente duas pessoas negociarem.

DIOGO

Vou levar trinta dessas, vinte daquele modelo ali.

VENDEDOR

Tem dessa daqui *tambien*. Você *miro*?

DIOGO

Essa aí é difícil vendê. Só desses três mesmo.

VENDEDOR

Enton vou ti fazê dez cada.

DIOGO

Aí você tá de brincadeira, né? Tô pagando oito
nessa daqui...

VENDEDOR

Enton nove e fechamos...

DIOGO

E tu me dá mais cinco da outra de brinde.

VENDEDOR

Así as criança não come em casa, patrão...

**EXT. CENTRO COMERCIAL DE CIUDAD DEL ESTE /
BARRACAS – DIA**

A tela escura da cena anterior se encerra.

Estamos no centro comercial de Ciudad del Este, Paraguai. Um abarrotado de barracas de rua se embrenham entre grandes shoppings de marcas renomadas. O trânsito apertado anda vagarosamente, e suas brechas são preenchidas por um emaranhado de mototáxis que fazem manobras arriscadas passando por entre os carros. Há um fluxo de vendedores, compradores, turistas e ambulantes que mais parecem um formigueiro. Os rostos de várias etnias se mesclam formando um mosaico humano.

DIOGO, 20 anos, um jovem negro, com traços indígenas, negocia com ROBERTO, um senhor com traços árabes, em uma barraca na calçada comercial. A pequena loja, em que mal cabe Roberto, está cheia de lingeries penduradas em telas de mostruário improvisadas e em vários sacos empilhados.

DIOGO (cont'd)

Olha, duzentas peças a nove cada, tô com o dinheiro contado.

VENDEDOR

Só hoje vô ti fazê esse preço.

Diogo vai colocando algumas lingeries empilhadas em duas sacolas grandes, de alça, com desenhos coloridos (vem daí o nome “sacoleiros” ou “muambeiros”).

DIOGO

Que nada, é o mesmo preço da semana passada.
E ali no seu concorrente tá oito, vô pega aqui
porque meu tio sempre compra de você.

Diogo termina de guardar as lingeries e tira um maço de dólares do bolso.

DIOGO

Oh, e ainda vou pagar em dólar. Do jeito que só tá
subindo, amanhã cê já ganhô na diferença aí.

EXT. CENTRO COMERCIAL DE CIUDAD DEL ESTE / RUAS – DIA

Diogo caminha com as sacolas. Há muitos mototáxis e mini-vans bem velhas estacionadas no meio fio. Eles aliciam Diogo e outros turistas que passam.

MOTOTAXISTA 1

Aqui, xéra! ("amigo" em guarani)

MOTORISTA DA VAN 1

Vamo pra Brasil? Só 10 reais!

MOTOTAXISTA 2

Vamo aqui, amiga! Faço 7, rapidinho!

Diogo não dá muita bola, já parece conhecer bem a região.

Ele entra em uma das minivans, onde estão sentadas mais duas mulheres à espera de partir. Todos se apertam no meio de suas sacolas cheias de muambas. A minivan tem quatro lugares, de modo que eles ficam um de frente para o outro.

Uma jovem paraguaia fecha a porta da minivan por fora e entra na frente ao lado do motorista. A van parte.

JOVEM PARAGUAIA
(virando para trás)
Cinco reales cada.

Os três passageiros fazem manobras para pegar o dinheiro em suas bolsas e carteiras em meio ao aperto.

Eles pagam a jovem.

EXT. PONTE DA AMIZADE – DIA

A van atravessa a Ponte da Amizade, que liga o Brasil ao Paraguai. Ao fundo a paisagem dos shoppings de Ciudad del Este que se mistura ao imponente Rio Paraná. O trânsito é lento, quase parado. Muitos mototáxis passam por entre os carros e buzinam freneticamente.

Diogo transpira muito devido ao calor insuportável do verão fronteiriço. Ele olha para o horizonte do gigante Rio Paraná. Os sons externos parecem estar abafados.

Um vendedor, quase enfiando a cabeça dentro da van, tira Diogo do transe.

VENDEDOR
(falando com sotaque espanhol) Água, senhor.
Água, senhora?

A mulher acena com a cabeça que não. Diogo procura dinheiro nos bolsos.

DIOGO
Vê uma.

VENDEDOR
É cinco, senhor.

DIOGO
(com uma nota de dois reais na mão)
¿Yo tengo cara de turista?

Diogo estica os dois reais e pega a água. O vendedor sai.

EXT. PONTE DA AMIZADE / ADUANA BRASILEIRA – DIA

A minivan está prestes a cruzar a aduana brasileira. O fluxo de carros, motos e pessoas é enorme. Uma fila imensa de carros e vans andam ao lado de muitos mototáxis. Alguns dão a “sorte” de serem parados pela fiscalização. Os passageiros ficam tensos. Ser escolhido implica perder toda a mercadoria.

Os guardas armados fazem sinal para o carro que está à frente da minivan encostar. Alguns carros estão sendo revistados ao lado. O guarda manda seguir a van em que Diogo está.

A mulher que está de frente para Diogo suspira aliviada e faz o sinal da cruz.

EXT. RUAS DO BAIRRO VILA PÉROLA – DIA

A minivan segue pelas ruas brasileiras. O bairro Vila Pérola é um minicentro de Foz do Iguaçu. Há muitas lojas de calçada, barraquinhas de rua, estacionamentos, hotéis velhos, ônibus de muameiros parados e bastante gente transitando. Aqui se concentram as milhares de pessoas que vêm ao Paraguai fazer compras.

A minivan estaciona em uma rua não tão movimentada, ao lado da Transmuleke, uma empresa recém-aberta de ônibus que transporta os muambeiros.

EXT./INT. RUA / TRANSMULEKE – DIA

Diogo e as mulheres descem com suas sacolas.

ARNALDO, tio de Diogo, um homem de uns 50 anos, negro, careca, com uma barriga saliente, vem ajudá-lo a levar as sacolas.

A sede da Transmuleke está sem reboco, ainda sendo reformada. Vários muambeiros se reúnem na calçada. Uns fumam, outros estão no celular. Há vans chegando com pessoas e mercadorias a todo momento.

Uma parede quebrada, dentro da Transmuleke, virada para a calçada, simula uma “janelinha” com uma estufa de salgados, café e refrigerantes à venda.

Arnaldo e Diogo entram no “estabelecimento”, onde várias pessoas arrumam grandes sacolas com diversos itens (eletrônicos, roupas, ferramentas, brinquedos). Há pilhas de cada item no chão e os muambeiros os mesclam, dividindo um pouco em cada sacola.

Também há um espaço improvisado como se fosse um caixa, com um rapaz que vende as passagens e organiza o itinerário.

Diogo chega com Arnaldo na sala interna. Eles começam a tirar as lingeries das sacolas e separá-las em grupos no chão. Arnaldo pega um caderninho e começa a distribuir as lingeries para alguns muambeiros que fazem suas “cotas” (o que cada muambeiro leva para São Paulo – respeitando algumas normas para não serem pegos na fiscalização).

ARNALDO

Toma, Zé, tô te dando dez.

Arnaldo anota no caderninho.

ARNALDO

Polaco, aqui tem dez.

POLACO

Ih, Arnaldo, já peguei cinco ali da Tânia. Só dá mais cinco aqui.

Arnaldo, então, recolhe cinco peças e anota no caderno. ZÉLIA, uma senhora, passa com algumas jaquetas de time e dá uma a POLACO.

ZÉLIA

Essa aqui tu leva na mão, Polaco, não na cota.

POLACO

Do Curintias, pô! Aí não.

Eles continuam fazendo as trocas. BAIANO, um rapaz jovem, passa por Diogo, que está separando as lingeries, e pega uma, esticando-a com as mãos.

BAIANO

Aí ó, Polaco. Essa daqui é pra suas tetinha.

POLACO

Tá fantasiando muito, hein, Baiano? Tá carente, é?

Diogo puxa da mão de Baiano a lingerie.

MAURI, um homem de uns 50 anos, magro e alto, dono da Transmuleke, passa pela sala.

MAURI

Olha a zueira aí! O Diogo nem tá subindo hoje (indo pra São Paulo) com as coisas de sex-shop.

Todos riem.

DIOGO

É porque tu tá acabando com o estoque do Paraguai, né, Mauri.

BAIANO

Eita, Mauri!

MAURI

Ó o menino perdendo o respeito, Arnaldo.

ARNALDO

Ele mal começô e tu não para de pegar no pé do coitado.

EXT. RUA / FRENTE DA TRANSMULEKE – DIA

Mauri e seu filho ROBSON, um rapaz de uns 25 anos, marom-bado, estão na calçada. Dois ajudantes vão trazendo as “cotas” de dentro para a calçada. Há muitos muambeiros no entorno esperando a chegada do ônibus.

Um ônibus bem velho, estilo anos 70, de cor metálica, escrito “Transmuleke”, estaciona em frente à empresa.

MAURI

Robson, vai carregando essas daí e deixa vago aquele bagageiro pras encomenda.
Vai, que tamo atrasado.

ROBSON

E os eletrônico, não vai carregá antes? Não tem que esperar as caixas de som chegarem...

MAURI

Vai, Robson, vai. Eu vô vê isso depois.

EXT. RUA / CASA AO LADO DA TRANSMULEKE – DIA

MARTA ESCUDEIRO, uma mulher de uns 50 anos, bem arrumada, de óculos escuros, dirige um SUV com os vidros escuros.

Ela chega em frente à sua casa e embica o carro na garagem. A casa tem uma grande fachada em arcos, mantendo traços de uma construção antiga, provavelmente construída nos anos 80, na época de ouro da Vila Pérola.

A casa faz muro com a recém-inaugurada Transmuleke. Um ônibus da empresa está parado no limite da calçada de Marta e há algumas pessoas sendo revistadas para embarcar.

Dois muambeiros fumam em frente ao portão de Marta, que, não muito feliz com a muvuca, buzina para que eles saiam e ela consiga entrar na garagem.

Eles saem, jogando a bituca de cigarro ali no chão mesmo.

INT. ÔNIBUS DA TRANSMULEKE – DIA

Os últimos muambeiros embarcam e o ônibus enche. Enquanto alguns se ajeitam nas poltronas, outros tentam arrumar lugar para guardar suas mochilas no bagageiro, que está entupido de coisas.

Em meio à muvuca e ao barulho, ROBERTA, uma mulher de uns 37 anos, entra no ônibus com um microfone na mão. Ela o pluga em uma caixa de som antiga na frente do bagageiro de um acento, logo na entrada. O microfone tem bastante ruído.

ROBERTA

Gente! Gente. Vamo fazer um silêncio aí, por favor.

Algumas pessoas acatam. Outras não.

ROBERTA

Galera do fundo. Por favor! Senão o ônibus não sai.
Por favor, gente!

Algumas pessoas no fundo gritam “silêncio”. O barulho diminui.

ROBERTA

Obrigado, viu? Então, gente, vou falar dos procedimentos padrões. A maioria aqui já sabe, né. Mas se tem algum turista ou alguém que não viajou com a gente ainda, presta atenção, por favor. Se a polícia parar, ou a receita, esse é um ônibus de turismo e vocês compraram a passagem de São Paulo para cá e agora estão voltando, entendeu? E a muamba que tão levando é de uso de vocês. VOCÊS! Entendeu? Vai dá de presente pro pai, pra mãe, é de uso pessoal...

Um menino que está no fundo faz uma piada e a galera ri.

ROBERTA

Pô, pessoal. Dá pra respeitá? Por favor.
Ainda não acabei.

Roberta espera o barulho diminuir.

ROBERTA

Então, retomando, nada de falar que fulano pagou
pra você levar, porque daí, se um

ROBERTA (cont't)

falar isso, fode tudo. Aí o ônibus fica preso lá e é
um transtorno só! Então, gente, todo mundo com
o discurso alinhado! Agora vamo fazê aquela nossa
oração. Todo mundo em silêncio, fecha os olhos,
pede pra senhor Jesus Cristo e pro papai do céu
iluminar essa viagem.

Roberta e a maioria dos passageiros fecham os olhos. Alguns
levantam a mão como se estivessem numa igreja.

ROBERTA

Pai nosso que estais no céu...

TELA PRETA – CARTELA “VILA PÉROLA”

INT. COZINHA – CASA DE MARTA – NOITE

Marta e seu filho RAFAEL, um jovem de 21 anos, meio magro,
traços árabes, com umas tatuagens ao estilo playboy hipster,
comem shawarma (um sanduíche árabe com pão sírio), pedido
em algum disk-entrega. A mesa, bagunçada, está cheia de em-
balagens de plástico.

A cozinha é estilo americana, tendo uma bancada ligada à sala
de jantar, onde eles comem. O estilo da casa é antigo e meio
brega, alguns móveis modernos não combinam com um res-
quício de decoração árabe.

MARTA

E o boleto da faculdade, Rafa, não vi chegar ainda.

RAFAEL
Sei não, mãe.

MARTA

Então imprime uma segunda via e deixa aí em cima que eu pago de tarde, depois cobra um juro absurdo.

RAFAEL
Aham.

MARTA

E já vou te avisando, hein. Vai devagar no cartão, porque mês passado, hein, Rafael, o que foram aqueles gastos?

RAFAEL
Pô, mãe, fica suave, já disse que...

MARTA

Fica suave não, Rafael. O negócio tá feio. Você viu o dólar, né? Os hotéis não tão aquelas coisas, não. E olha, amanhã o corretor vem aqui de tarde, eu tenho compromisso, então vê se não sai, para você acompanhar ele na vistoria.

Rafael levanta e vai colocando a camisa que estava jogada por uma das cadeiras.

RAFAEL (cont'd)
Vistoria de quê?

MARTA

Pedi pra fazer uma avaliação da casa. Já não te falei, Rafael?

RAFAEL
Ãh?

MARTA

Isso aqui tá muito grande pra gente. A ponte tá um perigo só, você voltando à noite todo dia. Estou pensando em ver um apartamento, um pouco menor, talvez no Centro.

RAFAEL
Sei lá, cada hora tu fala uma coisa... Ah!
Vou precisar de grana, viu.

EXT. RUAS DO CENTRO DE FOZ DO IGUAÇU – NOITE

Rafael dirige o carro da sua mãe pelas ruas do centro da cidade. Há muitos bares e restaurantes abertos, um misto de pessoas locais e turistas ocupam as ruas e os bares. Há uma feirinha de rua funcionando com muitos artigos expostos para turistas, além de ambulantes vendendo quinquilharias.

EXT. – BAR DO SEU CARLOS / CENTRO – NOITE

Rafael para em um bar fulero na Avenida Brasil, no centro de Foz do Iguaçu. A rua tem um grande calçadão com um misto de bares árabes e botecos brasileiros ao estilo “mesas de plástico”. No bar, alguns turistas se misturam a universitários, garotas de programa e muambeiros.

Rafael se senta em uma mesa com uns amigos da faculdade.

BRUNO
Pega um copo lá, viado.

VALE

Pega o meu aqui que já tô vazando, tô explodindo
nas faltas já.

LUCAS

Pô, faz que nem o Rafa, pega três matérias só.

Todos riem.

RAFAEL

Se fudê, arrombado.

VALE

Nesse ritmo dele, vai sair com uns 30 anos.

GI

Ele pode, né, amores? Ele tem herança, costa
quente.

VALE

Mas nem se eu pudesse...

Passa um cara correndo sem camisa e Rafael olha.

RAFAEL

(apontando com a cabeça)

Olha que delícinha. Venho aqui pra ver isso e vocês
vem me falá de faculdade.

LUCAS

Tu gosta é de uns marginal que a gente sabe!

GI

Até eu. Aqueles bigodinho bem mau caráter, sabe?

VALE

Vai lá pegá outra breja e já aproveita e traz outro copo, Lucas, porque eu já desisti.

RAFAEL

Ninguém nunca acreditou, Valéria.

INT. COZINHA DA CASA DE MARTA – DIA / MANHÃ

Amanhece na fronteira. Marta entra na cozinha, sonolenta, e prepara um chá. Há um barulho insuportável de reforma que invade a casa. Marta, claramente de mau humor, tenta ficar calma.

Pega seus óculos e lê algumas mensagens no telefone. O barulho de reforma parece, cada vez mais, adentrar a casa. Marta pragueja algo (não conseguimos entender).

Marta levanta e procura algum canto menos barulhento enquanto liga para seu contador.

MARTA

Alô, André?

...

Vai indo, vai indo.

MARTA (cont'd)

Viu, vou passar aí daqui a pouco.

...

É, é.

...

Isso, separa os extratos e os documentos do faturamento dos hotéis. Quero dar uma olhada em tudo.

...

Não, isso está errado. Esse valor é um absurdo.

...

Sim, sim, meia hora tô aí.

...

Tchau.

EXT. GARAGEM / RUA – DIA

Marta sai com seu carro da garagem. O barulho de reforma continua, mas está abafado. Ela para na calçada, abrindo o vidro do carro. O barulho invade a cena. A reforma vem da Transmuleke. Marta observa por alguns segundos.

Um jovem sai da Transmuleke com uma carriola de entulho e o joga em um monte perto do carro. Marta retira os óculos escuros.

MARTA

Oh, menino! Oh, Menino!

O rapaz olha para Marta, sem entender. Marta faz um gesto com a mão.

MARTA

Vem aqui, menino, por favor.

MENINO

Pois não, senhora?

MARTA

Até quando vai essa reforma?

MENINO

Sei não, senhora.

Marta pensa por alguns segundos, olhando para a obra.

MARTA

Hum. Porque cê avisa o seu... Marcos.

MENINO

Mauri?

MARTA

Isso, Mauri. Avisa ele que apareceu umas rachaduras na minha casa.

(Marta se confunde)

Não, no muro. Apareceu umas rachaduras no muro, que não tinham. E esse barulho todo, parece que vão quebrar a parede, né?

O barulho fica mais alto, parecendo alguma britadeira, e tira a concentração de Marta, que faz uma cara estranha.

MENINO (cont'd)

Não sei, não, senhora...

MARTA

(tentando se concentrar)

Olha, avisa ele que se aparecer mais alguma rachadura, isso vai virar um caso de advogado.

MENINO

Isso é com ele, eu só trabalho de servente.

EVALDO sai de dentro da Transmuleke acenando para o menino.

EVALDO

(gritando)

Oh, Paulinho! Paulinho!

MENINO

(falando com Marta e apontando para Evaldo)
A senhora quer que eu chame o Evaldo, que é o
chefe aqui?

MARTA

(interrompendo)

Não, não. Depois me resolvo com o...

MENINO

Mauri?

MARTA

Isso.

Marta levanta o vidro do carro e sai.

INT. TRANSMULEKE – DIA / TARDE

Diogo e Arnaldo organizam as cotas junto aos outros muambeiros. Há aquela movimentação normal de pessoas chegando e saindo com sacolas, organizando caixas de brinquedos, eletrônicos, roupas, etc.

ARNALDO

E sua mãe, como tá, Diogo?

DIOGO

Tá indo né, tio. Tô tentando dar aquela força pra ela seguir, né?

ARNALDO

É difícil, seu irmão era um sem cabeça. Uma pessoa jovem perder a vida assim é muito triste. Temos que entregar pra Deus e seguir em frente. Avisa

ela que vamos fazer um churrasquinho domingo lá com a nega. Vai ser bom pra ela ir. A gente volta no domingo cedo de São Paulo e prepara tudo, eu e você. Ela tá precisando da família.

DIOGO

Então, tio, ia te falar, é que não vou hoje, não.

ARNALDO

Ih, certeza? Já tinha separado tua cota.

DIOGO

Pô, tio, viajei a semana inteira, hoje vou dar uma curtida, né.

ARNALDO

É, faz bem. Mas corre na linha moleque.

Arnaldo para de fazer as cotas e tira um dinheiro da carteira.

ARNALDO (cont'd)

Aqui, ó. Esse é o da semana. Se continuar trabalhando bem, já, já tá levando suas cotas, aí não precisa mais ficar levando as calcinhas pro tio, né?

DIOGO

É, tio, tô vendo aí de levá umas coisas.

ARNALDO

Vai com calma... E avisa a Dora, hein, domingo lá em casa, e você aparece cedo pra ajudar com a churrasqueira, viu!

INT. TRANSMULEKE / ESCRITÓRIO – DIA / TARDE

Em um escritório improvisado num quartinho na Transmuleke, meio bagunçado, Mauri faz a contabilidade do mês.

Nas folhas, podemos perceber que a Transmuleke está com lucros bons. Mauri faz a somatória do mês e dá um sorrisinho de canto de rosto ao ver os resultados positivos.

INT. BAR DO SEU CARLOS – PARTE INTERNA – ENTARDECER

Rafael e Lucas estão na parte do fundo do Bar do Seu Carlos. Algumas mesas de sinuca dividem o espaço com caixas de cerveja empilhadas e uma jukebox. O bar está vazio.

Rafael e Lucas jogam sinuca. Rafael tira umas moedas do bolso e vai em direção à jukebox.

LUCAS

Bota aí, Rafa, aquele Raça Negra raiz, vai.

RAFAEL

Que mané Raça Negra, Lucas...

LUCAS

Pô, aquele bem nostalgia pra chorar as mágoas do Natan.

RAFAEL

Nem bebemos o suficiente ainda.

Rafael passa algumas músicas e escolhe uma.

LUCAS

Vai logo e vem jogá aqui.

RAFAEL

Pera aí que essa você vai curtir.

LUCAS

Aff, nem vem com suas músicas *Jackson*.

Começa a tocar a introdução de “Loca” de Chico Trujillo. Rafael vai dançando ao som da cumbia. Lucas fica olhando com cara de quem não gostou.

ELIPSE DE TEMPO AO SOM DA MÚSICA

Anoitece. O bar agora está lotado. Várias pessoas, jogando si-nuca, encostadas nas mesas, bebendo, e um fluxo grande na parte de trás, nos banheiros.

EXT. BAR DO SEU CARLOS – PARTE EXTERNA – NOITE

As mesas da parte da frente estão lotadas, algumas pessoas bebem de pé. Há um fluxo grande na calçada. A música da cena anterior continua soando ao fundo, vindo da parte de dentro do bar.

Diogo bebe com alguns amigos, sentado em uma das mesas. Eles já estão meio bêbados.

CARLOS

Quem lembra daquele dia que a gente tava muito
loco lá no Paraguai?

JORGE

Vish, esse dia foi o que os guarda queria grana pra
gente podê voltá?

CARLOS

É loco, que nós não tinha um puto...

JORGE

Achei que nós ia rodar. Foi sorte o Diogão ser meio paraguaio, né? Salvô.

Diogo está meio avoado, olhando o movimento.

CARLOS

O, piá!

Carlos bate no braço de Diogo.

DIOGO

Que foi, mano! Tô olhando o movimento aqui.

JORGE

Tá é dormindo de bêbado aí.

CARLOS

Cadê o seu contato que não chega, Jorge?

DIOGO

Esse contato dele é furada.

JORGE

Furada era os contato do seu irmão.

Diogo, sentado, empurra Jorge e se levanta, seguindo para a parte de dentro.

CARLOS

Caralho, hein, Jorge, que bola fora, maluco.

INT. BAR DO SEU CARLOS – PARTE INTERNA - NOITE

Diogo caminha em direção ao banheiro. Os banheiros ficam em um pequeno corredor do bar. Várias pessoas se apertam no corredor. Um casal se pega, uns meninos conversam. Diogo entra no mictório. O banheiro é bem sujo, parecendo estar em um filme do Gaspar Noé. Na única cabine do banheiro, está Rafael jogando um pouco de cocaína em cima do celular.

Diogo, bêbado, tenta olhar quem está dentro da cabine. Ele põe a mão na porta para empurrá-la. Hesita.

Enfim, toma coragem e empurra um pouco a porta, olhando para Rafael.

DIOGO

Oh, mano, coloca uma pra mim, depois te fortaleço.

Rafael olha de esgueio e sinaliza com a cabeça para Diogo entrar.

RAFAEL

Encosta a porta.

DIOGO

Valeu.

Diogo entra. Eles ficam apertados na cabine.

RAFAEL

Tem um cartão fácil aí?

Diogo abre a carteira, tira um cartão aleatório e dá a Rafael.

DIOGO

Meu contato não chegou ainda. Já, já ele vem, mas
se tu quiser eu te dô deizão.

RAFAEL

Suave, mano, relaxa. Enrola a nota aí, vai.

Diogo enrola seus dez reais. Rafael pega a nota da mão dele e cheira a primeira carreira, segura o celular, passando a nota para Diogo, que cheira a segunda.

Eles se olham por alguns instantes. Há uma tensão entre os dois.

Diogo fica incomodado. Rafael se aproxima e beija Diogo. Diogo hesita por um instante. Rafael se afasta, mas Diogo o puxa de volta, beijando-o novamente.

Rafael abre a porta da cabine e sai. Diogo fica ali paralisado por alguns segundos.

INT./EXT. ÔNIBUS DA TRANSMULEKE – ENTARDECER

Diogo está sentado sozinho na fileira da janela, indo para São Paulo. O ônibus não está tão cheio como das outras vezes. Diogo está pensativo olhando uma pequena chuva que cai.

Em algumas poltronas mais para trás, está sentada a “galera do fundão”, os jovens muambeiros que viajam como laranja, assim como Diogo. Alguns estão em pé, dispostos como se estivessem em uma roda de rua, conversando. Eles riem e zoam as outras pessoas.

Ouvimos o som como Diogo ouve. Tudo meio abafado e confuso. Pela janela, Diogo avista uma placa:

“SÃO PAULO A 500 KM”

EXT. TREME-TREME – DIA / MANHÃ

O ônibus da Transmuleke chega na estação do Treme-Treme, ao lado do Mercado Municipal de São Paulo, no amanhecer.

Os muambeiros descarregam do bagageiro suas mercadorias. Uma van já espera Arnaldo, para quem Diogo carrega as sacolas.

ARNALDO

Eu vou levar essa mercadoria ali nos bolivianos.
Hoje tem pouca coisa, se você quiser tirá esse
tempo livre pra dá uma volta, a gente se vê umas
três horas por aqui. Pode ser?

DIOGO

Uhum.

Arnaldo tira uns trocados do bolso.

ARNALDO

Toma aqui esse trocado pra você almoçar.

Diogo termina de carregar e Arnaldo entra na van que parte logo em seguida.

Diogo fica com o olhar meio perdido. Samira, dentro de outra van, chama Diogo, acenando com o pescoço.

EXT. CALÇADA / LOJA DE ROUPAS – DIA

Em uma loja nos arredores da 25 de Março, Diogo ajuda Samira a descarregar as mercadorias da van. Samira fala com o proprietário e pega seu pagamento, enquanto Diogo fica olhando o vai e vem frenético dos pedestres e carros.

EXT. CALÇADA DA 25 DE MARÇO / DIA

Diogo e Samira andam pela 25 de Março.

DIOGO

E você assumiu sozinha todo o esquema?

SAMIRA

Claro, Diogão, ou era eu ou esses muambeiro ia engoli tudo. Cê acha? Demorô pra minha mãe ganhá essa clientela aí. Se ela pudesse, tava viajando até hoje.

DIOGO

Boto fé.

SAMIRA

Relaxa que já, já cê pega o jeito e daqui a pouco tá voando. Esses véio uma hora para, né? Essa vida não é pra qualquer um, não.

DIOGO

Ah é.

...

Ei, deixa te perguntar uma parada. Tipo, é que nunca vi você com ninguém. Tu já namorô alguém?

SAMIRA

(brincando)

Tá interessado, é, Diogão? Hum! Cê acha, nessa vida loca aqui, só se fosse alguém do corre também, né? Mas cê acha, só coisa feia nesse ônibus.

Eles riem.

SAMIRA

(batendo em Diogo)

Mas, por quê? Tá gostando de alguém, é?

DIOGO

Que nada.

Eles passam por uma barraquinha de relógios montada na calçada.

Diogo para e começa a mexer em alguns relógios.

DIOGO

Tá quanto esse?

CAMELÔ

Cinquenta.

DIOGO

E esse aqui?

CAMELÔ

Esse faço quarenta e cinco pra você. Se levar os
dois, faço oitenta.

Diogo devolve os relógios no lugar, dá um toque em Samira e
eles saem andando.

DIOGO

Tá vendo, mano? Aquele de cinquenta eu consigo
por quinze pila. Trinta e cinco de lucro.

SAMIRA

É, dá para fazer uma grana. Por que tu não começa
a trazer uns relógio? Seu tio nem precisa ficar sa-
bendo.

INT. APARTAMENTO DO CENTRO – DIA

Marta e um CORRETOR DE IMÓVEIS caminham por um grande apartamento vazio, ainda com jornais no chão e algumas ferramentas de pintura espalhadas.

CORRETOR

Como a senhora pode ver, estamos reformando todo o apartamento e mudando todo o acabamento. O dono que morava aqui era muito cuidadoso, e olha só, parece que foi feito hoje.

MARTA

É, está bem conservado mesmo. Mas o que me preocupa é essa cozinha que não é americana.

Eles passam pela sala e vão até a sacada.

CORRETOR

Aqui é o charme do apartamento. Olha essa vista para o Paraguai, o pôr do sol aqui é lindíssimo. Um deslumbrante.

Ao longe, o centro comercial do Paraguai, o imponente Rio Paraná, a Ponte da Amizade e parte do Centro. Estamos em um dos últimos andares de um prédio alto, tendo uma vista catártica da fronteira.

CORRETOR

Aqui de cima nem parece que é aquela muvuca, né?

MARTA

Nem me fala.
(suspirando)

Eu moro ali, bem no meio da muvuca.

CORRETOR

No bairro da ponte? Nossa, é uma loucura
por lá, né?

MARTA

(sarcástica)

Bairro da ponte... O nome do bairro é Vila Pérola. Bem, parece que era, né? Antigamente era movimentado, mas não essa loucura de hoje. De fato, era bem diferente. Hoje está perigoso, principalmente à noite. E a vizinhança, então? Um bando de muambeiro sem respeito, está difícil, viu? Aquele lugar já foi bom.

Marta vira-se e sai andando para os outros cômodos. O corretor a segue.

CORRETOR

(mudando o tom)

Claro, dona Marta. Está um perigo ali, tenho uma cliente que recentemente comprou aqui comigo. Ela é árabe e mudou ali pro condomínio novo por-

que

CORRETOR (cont'd)

sofreu um assalto voltando pra casa, e olha, quis sair rapidinho dali.

MARTA

Pois é.

CORRETOR

E te falo mais, tem que vender logo ali, porque a tendência é desvalorizar ainda mais.

INT. RECEPÇÃO DO PRÉDIO – DIA

Marta se despede do corretor e liga para Rafael.

MARTA

Alô, Rafa, onde você está?

...

Isso. Já acabei aqui. Você vem ou vou ter que chamar um táxi?

...

Te espero aqui em frente, então.

...

Rafael, está perto mesmo, né?

EXT. RUAS DE FOZ DO IGUAÇU / FRENTE DA CASA DE MARTA – DIA

Rafael dirige o carro pelas ruas de Foz do Iguaçu. Marta está no passageiro.

RAFAEL

Tá, mas além da cozinha, que que cê achou?

MARTA

Ah, Rafael, você faz muita pergunta. Se quisesse mesmo saber tinha vindo comigo.

RAFAEL

Eu tinha coisa pra resolver, já tinha te falado.

MARTA

Rafael, ir beber com seus amigos não é coisa pra fazer não. Ou você acha que me engana com esse bafo de cerveja que tô sentido daqui. Por favor, né?

RAFAEL

Olha, se tu gostou, quem vai pagá é você mesmo.

Eles chegam em frente à casa. O ônibus da Trasmuleke está parado e as pessoas já estão embarcando. Rafael para do outro lado da rua.

RAFAEL

Vô direto pra facul já.

MARTA

Não vai comer nada?

RAFAEL

Como algo por lá.

Marta desce do carro.

RAFAEL

Mãe!

Marta volta na janela.

MARTA

Que foi, menino, para de gritar.

RAFAEL

Dá um trocado aí, tô sem nada aqui.

Marta começa a procurar algo na bolsa. Da janela do ônibus estacionado da Transmuleke está Diogo, sentado na poltrona da janela. Ele avista Rafael e o reconhece.

Rafael olha para o ônibus e eles cruzam olhares por alguns segundos.

Marta tira Rafael do “transe” lhe dando o dinheiro.

MARTA

Olha, Rafael, hoje é terça-feira, vê se chega cedo!

INT. CASA DE DIOGO – QUARTO – DIA

Diogo separa algumas peças de roupa. Ele olha, mede no corpo e as deixa em cima da cama. O restante ele coloca em caixas jogadas pelo quarto. O guarda-roupa escancarado está quase vazio.

Ele para, senta-se na cama, pega uma jaqueta e fica observando.

Quando se dá conta, vê que sua mãe está parada na porta. Assim como ele, DORA também expressa um olhar distante.

DIOGO

Separei algumas que me servem. Essa aqui não cabe em mim, mas vou ficar com ela, ele gostava bastante dela.

Dora acena com a cabeça e tenta forçar um sorriso.

DIOGO

Ele ficava bonitão com essa, né? Com cara de ator de cinema.

DORA

Vem almoçá, filho, senão já, já esfria. Tô só te esperando. Depois você termina.

Dora vai saindo.

DIOGO

Mãe!

Dora volta.

DIOGO

Tô pensando em vender o som do Davi. A gente nem usa e tô com uns planos de levar umas mercadorias minhas.

Dora acena com a cabeça.

INT. CASA DE DIOGO – QUARTO – DIA

Diogo está deitado no sofá da sala assistindo TV. A luz do seu celular, que está no chão ao lado, acende. Ele estica o braço e pega o celular.

Diogo visualiza uma nova notificação de amizade no Facebook. Ao entrar no perfil, Diogo reconhece Rafael e fica com uma cara de desconfiado. Ele aceita a solicitação.

Enquanto Diogo percorre o olhar pelas fotos de Rafael, ele recebe uma mensagem.

RAFAEL (MSG)
E aí? Lembra de mim?

Diogo escreve e apaga algumas vezes, não sabendo bem o que dizer.

DIOGO (MSG)
E aí. Como achou meu Facebook?

RAFAEL (MSG)
Pelo visto nem deu falta do cartão do Bradesco,
né, Diogo Pereira dos Santos?
Pelo visto não tá precisando de dinheiro.

DIOGO (MSG)
Putz, Bar do Seu Carlos! Hahaha

Dora interrompe a “conversa” de Diogo.

DORA
Vamo, Diogo, três horas já. Seu tio já deve tá passando por aí. Vai se trocar pra não atrasar.

INT. TRANSMULEKE – NOITE

Mauri e Robson arrumam algumas coisas na Transmuleke. A empresa está vazia. Enquanto Mauri fecha o caixa e faz algumas anotações, Robson arruma caixas, fitas e plásticos que ficaram espalhados na sala.

MAURI
Oh, Robson, essas passagens aqui do Polaco, foi você que emitiu?

Robson para de arrumar e vai até o escritório improvisado.

ROBSON
Humm. De ontem foi, hoje só foi um laranja dele.

MAURI
E que que isso aqui?
(mostrando algo no bilhete)

ROBSON
Aí foi de ontem, que ele pagou hoje.

MAURI
Ô Robson, tem que organizar isso aqui, pô. E esse aqui da Zélia?

ROBSON

Aí é coisa da Roberta.

MAURI

Como da Roberta, Robson? Se é tu que ficou recebendo?

ROBSON

Não, hoje quem ficou de tarde foi ela. Tu pede pra ir ajudar na cota e depois vem falar que...

MAURI

Tá, tá, Robson. Vai terminar lá, que vejo isso em casa com a Roberta.

Mauri guarda os bilhetes e Robson vai terminar de arrumar a sala.

EXT. RUA DA TRASMULEKE – NOITE

Mauri sai da Transmuleke e atravessa a rua que está deserta. Ele olha a fachada da Transmuleke que está quase pronta. Ao lado, a casa de Marta com as luzes acesas.

Ele olha para as duas construções por alguns segundos.

Robson aparece na porta e acena com a cabeça tentando entender o que Mauri faz ali.

Robson atravessa a rua.

ROBSON

Que tá fazendo, pai, vamo fechá logo, já limpei tudo.

MAURI

Ei, Robson, pensando aqui, vamo precisá comprá mais um ônibus. Dois não tá dando conta. As coisas tão indo mais rápido do que eu pensava.

INT. SALA DA FACULDADE – NOITE

Rafael está em uma aula teórica de arquitetura. Ele divide sua atenção entre a aula e em stalkear o Facebook do Diogo. Depois de um tempo, ele abre o Messenger e manda uma mensagem para Diogo.

RAFAEL (MSG)

E aí? De boa? Que tá fazendo?

A mensagem chega, mas não é lida.

INT. ÔNIBUS DA TRANSMULEKE – NOITE

O ônibus da Transmuleke está parado em um barracão da fiscalização. Um oficial da Receita Federal (que identificamos pelo uniforme), entra no ônibus e vai passando e olhando lentamente por entre os passageiros com uma lanterna.

Logo em seguida entra um policial federal.

POLICIAL

(gritando)

Bora, vai descer todo mundo. Vamo!
Vamo!

Ele gesticula com a mão. As pessoas começam a se levantar e descer.

Pela janela, lá fora, vemos ZÉLIA conversando com um policial em particular e passando algo para ele.

INT. BARRACÃO DA RECEITA – NOITE

Enquanto os muambeiros aguardam do lado de fora, os policiais revistam as poltronas dentro do ônibus. Os muambeiros conversam entre eles em pequenos grupos. Diogo está meio afastado de todos, pega seu celular, vê a mensagem de Rafael e então começa a responder.

DIOGO (MSG)
E aí, beleza? Estou subindo pra Sampa.

Ele é interrompido, e até leva um susto, pela chegada de Arnaldo. Esconde rapidamente o celular.

ARNALDO
Tá tudo tranquilo, piá, já voltamos à viagem.

DIOGO
É, eu sei.

ARNALDO
(cochichando)
Só querem o cafezinho.

DIOGO
Uhum.

ARNALDO
Mas diga aí. Tô vendo que cê tá meio pra baixo esses dias. Sei que é difícil o que aconteceu com o Davi, mas ele também sabia, né? Teu irmão era um desmiolado. Pô, o que ele tava fazendo não ia dar em nada de bom, né?

Diogo está meio avoado, somente concordando com a cabeça e olhando pra baixo.

ARNALDO

Mas, bola pra frente. Tu tá indo bem. Trabalhando
direito. Tem que ajudar tua velha, né!

Diogo concorda com a cabeça.

ARNALDO

Ela que tá mal, mas precisa seguir, você ainda tá
aí, já falei isso pra ela, tem que tá junto com você
que tá aí.

Arnaldo é interrompido pela fala de Zélia, que vem vindo de uma sala da Receita Federal no barracão.

ZÉLIA

(falando alto)

Vamo, pessoal! Todo mundo subindo que tá tudo
certo. Bora, bora. Vamo.

Os muambeiros vão em direção ao ônibus. Arnaldo faz um cafuné desajeitado na cabeça de Diogo e sai andando.

Diogo fica para trás, pega o celular e lê uma mensagem de Rafael.

RAFAEL (MSG)

E aí, bora sevê? Quando vai tá em Foz?

EXT. RUAS DE FOZ DO IGUAÇU – NOITE

Rafael e Diogo andam juntos com o carro de Marta pelas ruas de Foz do Iguaçu, passando em frente a alguns bares movimentados. No rádio toca uma cumbia paraguaia. Diogo está meio rígido no carro, enquanto Rafael dança no volante e lhe desfere alguns olhares.

EXT. ESTRADA RURAL DE FOZ DO IGUAÇU – NOITE

Diogo e Rafael fumam sentados em uma estrada de terra, na área rural de Foz do Iguaçu. Há uma extensa plantação de soja, ainda rasteira, com algumas casas ao longe. O céu está extremamente estrelado e a luz da lua cheia ilumina todo o local.

Diogo está deitado sobre o colo de Rafael. É a primeira vez que ele parece estar à vontade.

RAFAEL

Você mora aqui na fronteira e nunca foi na Argentina? Tá tirando, né?

DIOGO

Lá é mó zuado, só os turista. Prefiro os rolê no Paraguai.

RAFAEL

Aff, nada avê. Tem bastante barzinho legal, umas balada bem loca.

DIOGO

Igual a Coiote no Paraguai? Nem fudendo.

RAFAEL

Coiote boa é a de Assunção. Já foi?

DIOGO

Nem.

Diogo parece estar em outro lugar.

RAFAEL

A gente podia marcar de ir. Ou viajar pra Argentina?

DIOGO

Meu pai é de Assunção, pelo menos é o que minha
mãe fala.

RAFAEL

Mas tu não fala com ele? A gente podia ir lá.

DIOGO

Nem. Tenho um endereço, mas tô de boa. Ele é um
vacilão.

Rafael e Diogo admiraram a paisagem por um tempo.

RAFAEL

Ei, o baseado.

Diogo estica a mão para pegar, mas Rafael tira a cabeça de Diogo de sua perna e passa a fumaça de sua boca para a boca de Diogo. Eles se beijam. Diogo volta a deitar no colo de Rafael, enquanto Rafael faz um carinho em sua cabeça.

EXT. / INT. – CALÇADA / TRANSMULEKE – DIA

A reforma na Transmuleke terminou. A fachada está acabada e toda pintada. No portão da casa de Marta, há uma placa de “vende-se” de uma imobiliária.

Na Transmuleke, uma decoração natalina com uma árvore improvisada e algumas firulas e pisca-piscas pendurados nas paredes enfeitam o ambiente. Os muambeiros, mais agitados que o normal, falam alto e brincam entre si. Em clima de festa, eles preparam as cotas.

BAIANO

Eita que amanhã tô subindo pra Salvador.
Quero é praia, pai.

POLACO

Vai é pra prainha do Rio Paraná que eu sei...

AMARILDA

(apontando para Polaco)

Esse homi daqui é que nunca viu areia, vice, Baiano.

BAIANO

É que se o Polaco tira a camisa no sol não fica um na praia, isso sim. Bixo feio do diabo.

O pessoal ri. Arnaldo e Diogo chegam com suas muambas.

ZÉLIA

Aí, Baiano, chegô os sutiã. Polaco, já pode reservá um pra subi com tu pra Bahia.

ARNALDO

Aproveita, hein, Polaco, porque depois só volto em janeiro.

Polaco pega um dos whiskies de sua cota e abre a embalagem.

POLACO

Pois tão zuando, e quem vai bebê desse comigo é só o menino Diogo, que não abre o bico o ano todo.

Polaco abre o whisky.

POLACO

Pega o copo pra nós comemorá lá, piá.

ROBSON

(grita do caixa da empresa)

Aí sim, Polaco, tá constando de Red Label. Tam-bém quero!

Robson vem trazendo uns copos plásticos.

BAIANO

Esse aí é daquela falseta que ele leva. Cê acha, pão duro do jeito que esse cabra é.

Mauri entra na Transmuleke e vê o pessoal tomando whisky.

MAURI

Olha a farra, piazada!

BAIANO

Eita, seu Mauri, que hoje esses menino vão pegá fogo.

MAURI

Hoje vô liberá beber aqui, hein. Mas sem subi com isso.

Mauri sai e logo volta.

MAURI

Ah! E quero vê neguinho falando pra pará em posto pra ir no banheiro! Vai segurá, hein?

AMARILDA

Mas, seu Mauri, não concertou o banheiro do ônibus ainda?

MAURI

Pras mulher, sim, e só pra fazê número um. Agora, pra esses macho ficá mijando o banheiro todo, não.

Da última vez, era quase Natal e a gente limpando
mijo tudo pela parede.

INT. CASA DE MARTA – DIA

Marta tenta assistir televisão na sala, mas está incomodada com o barulho que vem da festa dos muambeiros ao lado. Diferente da Transmuleke, a casa de Marta não tem nenhum enfeite de Natal. Marta fica trocando de canais sem assistir nenhum.

Rafael aparece saindo de seu quarto e indo para a cozinha.

MARTA
Rafa. Vem cá.

Rafael segue para o armário em busca de algo para comer.

MARTA
(falando mais alto)
Oh, Rafael, estou falando com você.

RAFAEL
Já entendi, cacete. Tô pegando algo aqui.

Rafael acha um salgadinho e vai para a sala.

MARTA
Olha a grosseria!

RAFAEL
Tu que não espera um minuto.

MARTA
Viu, está tudo certo para a viagem em Florianópolis.
Seus tios vão também. Dedé, sua tia...

Alguém fala algo na festa da Transmuleke e o pessoal todo grita. Marta se sente interrompida.

MARTA
(gritando)
É reforma, farra...

RAFAEL
E tu vai gritá no meu ouvido também?

O barulho volta ao “normal”.

RAFAEL (cont'd)
Então, mãe, te falo que acho que não vou, não.

MARTA
Como não vai, Rafael? Conversamos esses dias.

RAFAEL
Então, é que, sei lá, criança pequena, família, tô pensando em ficar sossegado.

MARTA
Agora está assim? Nem para a praia você tem ânimo de ir? Fica aí se entupindo de maconha.

RAFAEL
Aff, nada avê. Tudo pra você é droga, vizinho, e blá blá blá. Meu, para de reclamá um pouco.

MARTA
E eu tô reclamando o quê, Rafael? Tá louco? Estou perguntando se você vai. Só isso. Você tinha falado que ia, agora fala outra coisa. Porque é isso, nem passar o fim de ano com a sua mãe você vai. Aposto que tem rolo no meio.

Rafael se levanta e vai para o quarto.

MARTA

Porque tenho que aguentar o vizinho, a empresa, e
não tenho um filho pra me ajudar, pra estar com a
mãe. Já faz quantos anos que a gente sempre viaja
junto no fim de ano, hein, Rafa?

RAFAEL

Ah, mãe, não enche o saco.

EXT. RUA DA TRANSMULEKE – DIA

A rua está deserta e a Transmuleke, fechada. Ainda há a placa de “vende-se” na casa de Marta e alguns pequenos enfeites de Natal na Transmuleke.

INT. TRANSMULEKE – DIA

Mauri, pensativo, trabalha em seu escritório improvisado. Na mesa, papéis de saldo de bancos, balanço da empresa, entre outros documentos fiscais.

Ele lembra de algo, pega seu telefone e liga para Robson.

MAURI (telefone)

Ei, Robson, passa pegar as encomendas da ceia lá
no açougue.

....

É, só lembrei agora. Já tá tudo separado, mas não
esquece, tem as coisas da virada e do almoço, viu?

...

Ainda vou demorar um pouco aqui.

INT. SALA – CASA DE MARTA – DIA

Rafael assiste TV deitado no sofá da sala, de cueca. Ele pega seu celular e liga pra Diogo.

RAFAEL

E aí? De boa?

...

Que tá fazendo?

...

Hum.

...

Tô sozinho aqui em casa.

...

É, viajou.

...

Ei, vem pra cá.

...

Sério, é de boa. Só tô eu.

...

Tô de bobeira.

...

Vai passar a virada onde?

...

Tô com uns ingressos de uma festa lá na Argentina.

...

Ei, vem aí, depois podíamos ir lá, de noite. Vai tá legal.

EXT. RUA DA TRANSMULEKE – NOITE

A rua está deserta. A Transmuleke, fechada, e na casa de Marta, tudo apagado. Alguns fogos começam a explodir anunciando a virada do ano. Na rua vazia, a sensação é de que falta algo.

INT. FESTA NA ARGENTINA – NOITE

Rafael, Diogo e alguns amigos dançam ao som de música eletrônica em uma balada na Argentina. O DJ faz a contagem regressiva para a virada do ano.

DJ

Cinco, cuatro, tres, dos, uno...

EXT. RUAS DE PORTO IGUAÇU – ARGENTINA – NOITE

Rafael e Diogo, bêbados, andam abraçados pelas ruas do pequeno centro de Porto Iguacu. Os bares, com suas mesas na calçada, estão lotados de turistas, que comemoram. Há músicas ecoando de diversas baladas que se misturam aos sotaques dos gringos.

A arquitetura, marcada principalmente pelos tijolos à vista, é completamente diferente da cidade de Foz do Iguaçu.

DIOGO

Meu, olha essas fachadas, parece que estamos na gringa.

Eles riem.

RAFAEL

Não te falei? Se um dia eu aposentar, vou comprar uma casa aqui. Aí você pode vir morar comigo.

DIOGO

Sei não, parece tudo muito arrumadinho. Gosto mais daquela loucura do outro lado da ponte.

RAFAEL

Por isso que falei: só quando a gente ficar velho.

DIOGO

A gente?

Rafael se dá conta do que falou e fica até um pouco sóbrio e meio envergonhado.

RAFAEL

É, vai que a gente dá certo? A gente tá namorando,
não?

Diogo, meio envergonhado, acena que sim com a cabeça.

INT. QUARTO DE RAFAEL – DIA

Rafael e Diogo estão deitados na cama, pelados, com cara de que acabaram de acordar de ressaca. Rafael faz um carinho tímido em Diogo. O quarto está bagunçado e tem algumas latas de cerveja jogadas – vestígios de que a noite acabou por ali.

RAFAEL

Puta dor de cabeça.

DIOGO

Nem fala.

RAFAEL

Tu lembra de você fazendo todas as dancinhas na
balada?

DIOGO

Não, mentira isso.

Rafael dá risada.

RAFAEL (cont'd)

Não, sério.

Diogo assusta com um barulho vindo de fora e puxa os lençóis, se cobrindo.

RAFAEL (cont'd)

Ei, relaxa, não tem ninguém aqui, não.

DIOGO

E esse barulho?

RAFAEL

Vizinho de trás. Tá tranquilo.

DIOGO

E quando sua mãe chega?

RAFAEL

Sei lá, acho que só amanhã. Ela tá com uns tios chatos de São Paulo.

DIOGO

E não quis te levar, foi? Eu também não levaria.

RAFAEL

Idiota, eu tava de boa dessas viagens de família.

DIOGO

Se eu fosse você tinha ido, São Paulo bem melhor que essa merda de cidade.

RAFAEL
Foram pra Floripa.

DIOGO
Que seja. Melhor ainda. Tem praia.

RAFAEL
E outra, Sampa é uma merda também, né?

DIOGO
Pra quem tem grana, todo lugar é bom, né?

Rafael levanta e pega algo para vestir.

RAFAEL (cont'd)
Aff, nada avê.

...
Vô pega uma coca, tá afim?

DIOGO
Eu vô juntar uma grana e zarpar pra lá. Abrir uma
loja de importados, vendê uns relógio, umas cami-
sas, se pá até uns whisky, saca?

Rafael sai do quarto.

RAFAEL (O.S.)
Boto fé, aí até vou te visitar.

Diogo se levanta e vai até um mural de fotos improvisado na
parede. Ele observa as fotos de família de Rafael.

Ele se atenta a uma em que Rafael, ainda criança, está com o
pai na mesquita.

INT. SALA – CASA DE MARTA – NOITE

Rafael e Diogo assistem televisão deitados, cada um em um sofá. Na mesa de centro, um refrigerante por acabar. Na TV, passa um programa sobre como foi a virada do ano em algumas praias brasileiras.

RAFAEL

Nossa, que fome, a gente podia achar um lugar que entregue hoje, né? Tipo uma pizzaria.

DIOGO

Acho difícil, hein.

Eles continuam assistindo. Na TV, a reportagem passa por Florianópolis.

DIOGO

Aí ó, o que tu perdeu.

RAFAEL

Perdi nada, todo ano tem isso aí.

A reportagem segue pro Rio e fala dos arrastões.

RAFAEL (cont'd)

Aí ó, o que te espera em São Paulo.

DIOGO

Mano, isso aí é no Rio.

RAFAEL

Tudo mesma coisa.

Eles ouvem um barulho de portão se abrindo. Diogo pula do sofá e senta-se. Alguns segundos depois, Marta abre a porta (de seu ângulo, ela vê somente Rafael).

MARTA
Olá pra quem perdeu...

Ela entra e vê Diogo.

MARTA (cont'd)
(mudando o tom, meio sem jeito) Boa noite. Tudo bem?

RAFAEL
Minha mãe.

DIOGO
Oi, tudo certo. Diogo.

RAFAEL
Não avisou que voltava hoje.

Marta vai em direção aos quartos.

MARTA (O.S.)
E te devo explicação?

Diogo faz sinal com as mãos, para Rafael, de que vai embora. Rafael olha para Diogo com cara de que não entendeu o porquê.

INT. COZINHA – CASA DE MARTA – NOITE

Marta, Rafael e Diogo jantam uma pizza. Diogo está visivelmente envergonhado, já Marta parece um pouco incomodada.

MARTA

Seus tios estão bem, mas você sabe, né, o Osmar
fala demais quando bebe, e já tava de saco cheio.
Estou ficando velha pra essas viagens.

RAFAEL

Por isso que eu não fui.

MARTA

Mas, me conta Diogo, vocês se conhecem de
onde? Escola?

DIOGO

(sem jeito)

Não, do...

Rafael

(interrompendo)

Do bar lá da faculdade.

MARTA

Daquela espelunca que tu vai, Rafael?

RAFAEL

Mãe, a gente vai onde a cerveja é barata.

DIOGO

Mas eu trabalho aqui do lado.

MARTA

Aqui na vizinhança?

DIOGO

É, aqui na Transmuleke.

RAFAEL
(interrompendo)

Então, mãe, já que você tá conhecendo o Diogo,
queria te contar que a gente tá namorando.

Marta acena com a cabeça com um sorriso sarcástico.

EXT./INT. TRANSMULEKE – MANHÃ

Mauri e Robson chegam na Transmuleke. O dia está começando na fronteira. Na calçada, a funcionária que vende os cafezinhos já espera os dois com uma bandeja de salgados. Eles abrem o estabelecimento e entram.

MAURI

Ô, Robson, vai limpando essas firulas de Natal aí que vou dar um pulo ali na ponte. Depois cê me liga e avisa quantos vão subir hoje pra saber o que tenho que mandar vir. O estoque, como que tá?

ROBSON

Ficô uns eletrônico pra trás, mas pouca coisa, pai.
Acho que dá umas cinco cotas, no máximo.

MAURI

E o povo chegando, pode cobrá quem ficô com pendência do ano passado.

Mauri vai saindo.

MAURI (cont'd)

E também avisa da caixinha desse ano, mas só pros regulares, viu?

INT. RESTAURANTE – CENTRO – NOITE

Marta e sua amiga ANA tomam um vinho em um bar da cidade. No bar, um músico faz voz e violão. Há algumas pessoas em mesas dispersas.

ANA

Florianópolis é tudo de bom, mas tá ficando bati-
do, né?

MARTA

Sempre foi, né, Ana? Cheio de turista que só por
Deus. Ainda bem que a casa nossa é do outro lado
da ilha.

ANA

É aquela que fomos há muito tempo, com o
Ezequiel ainda?

MARTA

É, a mesma.

Um garçom está passando. Marta acena pra ele.

MARTA

Moço, vocês tão fazendo aqueles bolinhos da casa
ainda?

GARÇOM

Sim, senhora, gostaria de uma porção?

MARTA

Quer, Ana? Parece que estou com um pouco de
fome.

ANA

Eu te ajudo, mas beliscando só. E traz uma águia
com gás também.

GARÇOM

Mais alguma coisa?

MARTA

Não, não. Os bolinhos e a água. Obrigado.

O garçom se retira.

MARTA

E eu que cheguei em casa da viagem e estava
Rafael com um amigo, dizendo que está namoran-
do o menino. E o pior, que o

MARTA (cont'd)

menino trabalha naquela espelunca ali do lado.

ANA

Sério, Marta? Na, na...

MARTA

Transmuleke!

Elas riem.

ANA

Isso lá é nome de empresa?

MARTA

Cê queria o quê, Ana? Trans muamba?

Elas riem de novo.

ANA

Mas Rafael também tá dando um trabalho, né?
Sorte que mandei o Luiz estudar bem longe.

MARTA

Olha, Ana, vou te falar como amiga. Eu não tenho problema nenhum com Rafael, com as escolhas que ele faz da vida. Mas, desculpa a expressão, puta merda, né. Estou cheia de problema. Os hóteis não vão bem, estou com problemas com os

MARTA (cont'd)

vizinhos, e ainda vem o Rafael trazer problema pra dentro casa.

ANA

Eu já cortava na hora, Marta. Manda ele estudar fora, transfere.

MARTA

É só eu e ele aqui, né. Eu quero ele por perto, mas ele podia me ajudar um pouco, né?

Garçom chega com a água. Coloca na mesa, serve o copo e sai.

ANA

Complicado, fez bem você de ter ido viajar, isso sim.

MARTA

Só assim pra aguentar, né?

ANA

Mas vô te falá, Marta, esse negócio aí de muamba é perigoso, todo mundo sabe que levam droga, arma. É propina pra lá...

MARTA

Mas isso aí foi o estopim pra sair dali.

ANA

Lembra do Helton? Casado com a Lorena.

MARTA

Lorena lá do escritório?

ANA

Isso, ele. Então, ele é da PF, dá um toque nele, acho que ele pode dár uma ajuda aí. Sei lá.

MARTA

Podia me dar outro tipo de ajuda, né?

Elas riem.

MARTA

Mas sério, Ana. Parece que ele faz isso pra me provocar, sabe? Fez falta ele crescer sem o pai, né? Devo ter mimado demais ele, tem hora que acho que devia ter sido mais rígida, sabe?

EXT. RUAS / LOJAS DO PARAGUAI - DIA

Diogo e Rafael caminham pelas ruas movimentadas do centro comercial de Ciudad del Este, com algumas sacolas. Eles passam por vendedores que oferecem os mais variados tipos de coisas como viagra, camisinha musical, drogas, eletrônicos, etc.

Eles param em uma das barracas de rua com muitos bonés. Rafael começa a experimentar alguns.

RAFAEL
Que achou desse?

DIOGO
Massa.

Rafael experimenta outro.

RAFAEL
Esse aqui tá da hora, hein?

Diogo pega um da bancada e vai colocar em Rafael, mas percebe que está “dando pinta” e se recompõe, passando para ele.

DIOGO
Esse aí tá mais sua cara.

VENDEDOR PARAGUAIO
(tentando falar português)
Sim, esse está *bien*. Vende *mucho*.

RAFAEL
Não, muito colorido.

DIOGO
Combina com as tatuagens.

RAFAEL
Nada, nem curti.

Rafael deixa os bonés e passa a ver alguns relógios que também estão à mostra na barraca. Diogo chega mais perto dele.

DIOGO
(cochichando)

Não, aqui pro relógio não vira. Vamo.

Diogo puxa Rafael e eles saem andando.

RAFAEL
Deixou eu nem ver os relógio.

DIOGO
Ali é tudo falsificado.

RAFAEL
Pensei que todos fossem.

DIOGO
Sim, mas tem uns lugares que a qualidade é melhor,
né? Vô te leva em um que eu tô vendo de comprar,
tô fechando um pacote com ele, vô levá pra São
Paulo, já até tô vendo uma loja que vai comprar.
Coisa fina.

Rafael para em outra barraca e começa a ver algumas cuecas.

Samira (muambeira da Transmuleke) pega no ombro de Diogo,
que se assusta e logo sai de perto de Rafael.

SAMIRA (cont'd)
Tá assustado, hein?

DIOGO
Pô, vai assustar a mãe.

SAMIRA
E aí, não sobe hoje, não?

DIOGO
Hoje tô de folga.

Rafael se vira para Diogo com uma cueca na mão.

RAFAEL
Esse tá legal?

Rafael percebe Samira. Samira olha para Rafael, para as sacolas e para Diogo.

DIOGO
(sem jeito)
Meu amigo. Rafael.

Rafael olha, não muito feliz.

SAMIRA
E aí?

RAFAEL
Beleza?

SAMIRA
Só nas compras, hein, Diogão. Deixa eu ir que ainda tenho que pegá os eletrônico ali pra subi.

DIOGO
Demorô, amanhã nós tá subindo.

Samira sai andando. Rafael devolve a cueca, gesticula com a mão que não está interessado para o vendedor e sai andando para o outro lado. Diogo “corre” atrás de Rafael e o pega pelo braço.

RAFAEL
Amigo?

DIOGO

Pô, Rafa, cê sabe que no meu trabalho é foda.
E meu tio não sabe de nada ainda. Preciso de um
tempo pra falar.

RAFAEL

Mas nem pra sua mãe você falou, Diogo. É foda ir na
sua casa e ser “amigo”, sendo que a gente namora.

EXT. ESTACIONAMENTO SUPERMERCADO / CARRO DE RAFAEL – DIA

Diogo e Rafael caminham com um carrinho cheio de compras
no estacionamento de um supermercado.

RAFAEL

Será que não esquecemos nada? Eu sempre esqueço.

Do estacionamento podemos ver, ao longe, uma mesquita com
uma cúpula redonda e duas torres mais altas, toda branca.

Diogo se lembra da foto no quarto de Rafael.

DIOGO
Sabe que eu nunca fui ali?

RAFAEL
Ali aonde?

DIOGO
(acenando com a cabeça para a mesquita)
Ali, na mesquita.

RAFAEL

Eu costumava ir com meu pai quando criança. Não sei se deu pra você perceber pela decoração da minha casa, né?

Eles chegam até o carro de Rafael e começam a colocar as compras no porta-malas.

DIOGO

Que vocês são árabes?

Rafael ri.

RAFAEL

Não, meu pai é. Quer dizer, era, né.

DIOGO

Tá, mas e sua família?

RAFAEL

Minha família? Minha mãe nunca gostou de ir. Tipo, tenho meus primos e tios. Mas depois que meu pai morreu eu meio que me afastei, eles não têm nada a ver, sabe?

DIOGO

Mas tu tem vontade de ir?

RAFAEL

Sei lá. Mas posso te mostrar.

EXT. MESQUITA – DIA

Rafael e Diogo caminham pelo jardim externo da mesquita.

DIOGO
Bonita, né?

RAFAEL

Aham. Se não tivesse fechada hoje, a gente ia entrar pra você ver. Nossa eu não vinha aqui desde pequeno. Parece que nada mudou, pelo menos do que eu me lembre.

Eles vão saindo. Do outro lado da rua tem uma loja de doces árabes, a porta é pequena e tem uma placa bem tímida que mal se pode notar.

RAFAEL
A mesquita tá fechada, mas a loja de doce, não.

DIOGO
Que loja?

RAFAEL
(apontando com a cabeça)
Ali, ó! Eu vinha aqui quando pequeno. Cê vai gostar, tem cada doce.

Eles atravessam a rua.

INT. TRANSMULEKE – DIA

Os muambeiros fazem suas cotas em mais um dia normal na Transmuleke. Alguns entram com muamba, outros tomam um café ou falam ao telefone.

Dois homens com rostos não muito conhecidos por ali entram. Eles vestem um colete azul com um brasão e umas inscrições que não conseguimos identificar. Olham ao redor, perdidos, parecendo procurar alguém.

Os muambeiros ficam com um olhar desconfiado. Robson, que estava mexendo no celular, no caixa, percebe, levanta-se rapidamente e segue até eles.

ROBSON
Pois não?

O fiscal consulta uns papéis que estão em sua mão.

FISCAL 1
Maurílio? É o senhor?

ROBSON
Não, não, é meu pai. Por quê? Aconteceu algo?

O segundo fiscal anda pelo local com ar de quem está averiguando a situação.

FISCAL 1
(interrompendo Robson)
Olha, Seu Maurílio está ou não?

ROBSON
Pera, vou chamar.

Robson segue para os fundos da Transmuleke. O fiscal anota algo em seu documento.

Mauri volta com Robson. O segundo fiscal vem em direção a eles.

MAURI
Pois não?

FISCAL 1
Seu Maurílio, isso?

MAURI
Ele mesmo.

FISCAL 1
Então, precisamos averiguar aqui umas questões
de alvará com a prefeitura.

FISCAL 2
De cara, já notei umas irregularidades aí.

MAURI
Não, imagina. Tá tudo nos conforme. Mas, os se-
nhores podem me acompanhar aqui, por favor.

Os fiscais e Mauri seguem para os fundos da Transmuleke.
Robson, que estava meio de lado, fica com um ar de indignação.
Baiano se acerca dele.

BAIANO
(cochichando)
Essas pestes quê só dinheiro que a porra.

ROBSON
Segunda vez desde que nós abrimos. Lá no Márcio
ninguém bate, né?

BAIANO
Mas Márcio é assim com o pessoal de polícia, né?
Peixe grande. Isso aí é inveja, porque seu pai tá
crescendo rápido.

Os fiscais voltam dos fundos, logo em seguida vem Mauri com
cara de insatisfeito.

FISCAL 1

Olha, seu Mauri, desse jeito não vai ter conversa.
A gente vai interditar.

Os curiosos olham para Mauri. Os fiscais deixam um papel com Mauri e saem pela porta.

MAURI

(acenando com a mão)

Calma, gente, que eu vou resolver tudo.

EXT. CASA DE DIOGO – DIA

Rafael grita em frente ao portão da casa de Diogo. A casa tem um portão de grades e um jardim na frente, com algumas árvores e diversos tipos de plantas e flores.

RAFAEL

Diogo! Diogo!

Dora sai na porta da sala e olha.

INT. QUARTO DE DIOGO – DIA

Diogo, deitado, conversa com Rafael que está sentado no canto da cama.

RAFAEL

Tá de folga, é?

DIOGO

Cê viu?

RAFAEL

É, tava tudo fechado, tinha até uns cartaz e fita.

DIOGO

Já, já reabre. Eles tão pegando pesado.
Mas pelo menos dou uma descansada.

INT. JARDIM – CASA DE DIOGO – DIA

Diogo e Rafael tomam um tererê sentados no quintal da frente na sombra de uma árvore. É um dia quente e eles suam bastante.

RAFAEL

Você já contou pra ela?

DIOGO

Aham. Mas a gente não conversa muito, sabe?
Por quê? Ela te falou algo no portão?

RAFAEL

Não, mas deu pra perceber, porque ela me tratou
diferente das outras vezes.

DIOGO

Diferente como? Mal?

RAFAEL

Não, só diferente.

Diogo passa o tererê para Rafael.

RAFAEL

Ei, tava pensando aqui. Já que você tá de folga por uns
dias, a gente podia ir pra Assunção, que você acha?

DIOGO

Tá louco! Sei não. E sua faculdade?

RAFAEL

De boa. A gente sai sexta e fica até domingo.

DIOGO

Não sei...

RAFAEL

A gente pode até ir falar com teu pai. Você não falou que tem o endereço?

INT. ÔNIBUS PARAGUAI - DIA

Diogo e Rafael estão no ônibus indo para Assunção. Rafael, pelo celular, mexe no Google Maps.

Diogo procura uma posição mais confortável.

DIOGO

Você não me deixou descansar no ônibus mesmo, né?

RAFAEL

Sete horinhas é nada pra você. Presta atenção aqui.

Rafael mostra o celular para Diogo.

RAFAEL

Aqui é o hostel que a gente vai ficar. Nessa rua aqui tem vários barzinhos legais.

Rafael mexe no mapa e aponta outro lugar.

RAFAEL

E aqui é o endereço do seu pai que você me passou. Nem fica tão longe indo de Uber.

DIOGO

Ei, acho que decidi não ir atrás dele, não.
Vamo só curtir a gente, foda-se ele.

RAFAEL

Você que sabe.

EXT. RUA DE ASSUNÇÃO – DIA

Diogo e Rafael andam por uma rua turística da cidade. Alguns restaurantes servem almoço em mesas na calçada, enquanto turistas e locais transitam. Diogo carrega uma mochila de costas grande (que usa para viajar na Transmuleke) e Rafael, uma pochete.

INT. QUARTO HOSTEL – DIA

Em um quarto privativo no hostel, Rafael tira as peças de roupa da mochila de Diogo e separa uma camisa e uma bermuda, enquanto Diogo toma banho com a porta entreaberta.

Rafael tira da pochete um pedaço de maconha, tira uma lasca e coloca o restante em um bolso meio escondido na mochila de Diogo.

Ele começa a bolar um baseado.

RAFAEL

A gente pode ir andar pela costanera agora de tarde e à noite ir pra algum barzinho.

DIOGO (V.O.)
(do banheiro)

Pode ser, você que é o guia aqui.

INT. BALADA PARAGUAI – NOITE

Diogo e Rafael dançam em uma balada. Rafael beija Diogo, que parece não se importar mais com a presença das pessoas.

EXT. BAR PARAGUAI – NOITE

Diogo e Rafael, bêbados, terminam a noite em um after. Algumas pessoas conversam em mesas dispersas, a música já não está tão alta, e poucos carros transitam na rua.

Rafael bebe uma cerveja.

RAFAEL

Eu andei pensando, sabe. A gente podia ir pra São Paulo juntos. Eu podia transferir minha faculdade. Diogo faz uma cara de deboche, meio desacreditado.

RAFAEL

Tô falando sério, Diogo. A gente alugava um apartamento perto da Augusta...

DIOGO

Augusta, Rafael? Sabe que lá é lugar de playboy, né? Não

DIOGO (cont'd)

tenho dinheiro agora nem pra me mudar pra debaixo do viaduto.

RAFAEL

Aff. Minha mãe pagaria. Eu posso bancar a casa até você se ajeitar.

DIOGO

Rafael, ela é sua mãe, saca? Não quero esmola de
ninguém. Eu trabalho, esqueceu?

Diogo sai andando.

DIOGO

Tô indo pro hostel.

Rafael sai atrás de Diogo.

RAFAEL

Não foi isso que eu quis dizer, Diogo. Não faz drama.

INT. QUARTO DO HOSTEL – PARAGUAI – DIA

Rafael sai do banho com a cara ainda meio amassada. Diogo ainda está deitado.

Enquanto veste uma roupa, ele tenta chamar Diogo, que só esboça algumas palavras e volta a dormir.

Ele pega sua pochete e sai do quarto.

EXT. RUAS DO PARAGUAI – DIA

Rafael, no banco de trás de um Uber, mexe no Google Maps, pelo celular.

(Vemos o mesmo endereço mostrado, cenas antes, por Rafael para Diogo)

EXT. CASA PAI DE DIOGO – DIA

Rafael bate palmas em frente a uma casa em um bairro residencial do Paraguai. Ele tenta novamente.

Depois de alguns minutos, um homem sai.

EXT. RESTAURANTE – DIA

Em uma mesa na calçada, em uma rua com bares e restaurantes, bem movimentada, Diogo e Rafael almoçam.

RAFAEL

Ei, acho que hoje de tarde a gente podia fazer um programa mais de turista, tipo uns museus, que acha?

DIOGO

Acho legal, você já começou sem mim, né? Onde foi de manhã?

RAFAEL

Então, queria te falar disso. Na verdade, eu fui lá.

DIOGO

No museu?

RAFAEL

Não, na casa do seu pai. Tipo, achei que você...

Diogo interrompe Rafael dando um soco na mesa. As pessoas que almoçam ao lado olham assustadas.

DIOGO

Que caralho, hein, Rafael?

RAFAEL

Calma, Diogo. Porra, achei que você ia gostar...

Diogo se levanta e sai da mesa furioso.

INT. QUARTO DO HOSTEL – PARAGUAI – DIA

A briga entre Diogo e Rafael continua dentro do quarto do hostel. Diogo ainda está com muita raiva. Ele começa a colocar as roupas na mochila de qualquer jeito.

DIOGO

Você não tinha esse direito, Rafael. O que eu tinha te falado?

RAFAEL

Cara, eu só queria ajudar.

DIOGO

Ajudou muito, acabou com a viagem que estava boa.

RAFAEL

Olha, Diogo, você tinha ido comigo na mesquita, lembra? Achei que seria uma coisa legal, te ajudar com isso.

DIOGO

Isso é completamente diferente, Rafael!
Cê não enxerga?

INT. ÔNIBUS PARAGUAI – NOITE

Rafael e Diogo voltam para Foz do Iguaçu. O ônibus está bem vazio. Rafael se senta de um lado, enquanto Rafael vai do outro lado do corredor. Cada um olhando para fora de sua janela.

INT. SALA DE ESTAR – CASA DE MARTA – DIA

Marta trabalha na mesa da sala de estar. Ela está com o notebook ligado, averiguando alguns documentos. A mesa está bagunçada. O telefone de Marta toca. Na tela: "Deise – Imobiliária".

Marta hesita em atender, não quer perder a concentração, mas atende.

MARTA
Deise, querida.

DEISE
Oi, Marta, como vão as coisas, muita correria?

MARTA
Um pouco, um pouco.

DEISE
Não liguei em má hora, né?

MARTA
Não querida, imagina. Pode falar.

DEISE
Um senhor nos procurou, interessado na casa.
Quinta fica bom pra você, pra gente fazer uma visita?

MARTA
Essa semana está complicado. Estou com a agenda cheia.

DEISE
Sem problemas. Tinha marcado pra quinta, mas vou tentar remarcar, então.

MARTA
Deixa eu ver aqui.

Marta pensa um pouco.

MARTA

Deise.

DEISE

Oi?

MARTA

Pela tarde talvez eu não esteja aqui, tenho que visitar um apartamento às

MARTA (cont'd)

duas, mas acho que até umas três, três e meia, já estou de volta.

DEISE

Ok, vou avisar o Seu Maurílio, então. Tinha marcado justamente pra umas duas e meia.

MARTA

Mas faz o seguinte, depois eu passo aí na corretora e deixo uma chave, porque se eu não estiver aqui, você vem e faz a visita.

DEISE

Mas e o Rafa, Marta, não vai tá por aí? É meio chatô, né, fazer a visita sem ninguém da casa...

MARTA

Rafael? E dá pra contar com ele? E por favor né, Deise, há quantos anos a gente se conhece? Combinamos assim, eu passo aí e deixo a chave.

INT. ÔNIBUS DA TRANSMULEKE – RODOVIA – NOITE

O ônibus da Transmuleke segue sentido São Paulo. Diogo está sentado com a turma do fundão. Eles conversam enquanto se arrumam para dormir, esticando cobertores no corredor do ônibus e no chão, entre os pés das poltronas.

JUNIOR

Hoje o corredor é meu, nem vem!

BETO

Cê é loco, tio? Não, não.

SAMIRA

(que está sentada com Beto)

Sem essa, Junior. Eu que não vou com o Beto aqui.
Nem tomô banho na janta, essa peste.

DIOGO

E esse aí toma banho?

BAIANO

Quem vai no corredor é o velho aqui, que tem mais
tempo que tudo vocês de muamba.

BETO

Vai saindo, Junior.

Beto o empurra, brincando.

DIOGO

Passa esse cobertor fedido aí, Samira.

SAMIRA

Fedido é seu cu. Agora que tá andando com os
playboy tá achando que ficô cheiroso, é?

JUNIOR

Mas não tô vendo playboy aqui, não!

SAMIRA

Vocês nem sabe que Diogo tá de
amiguinho com o filho da vizinha. Tavam

SAMIRA (cont'd)

fazendo compra, cheio das sacola da Monalisa.

BAIANO

Ih, o viado tá te bancando é, Diogo?

O pessoal tira sarro dele. Samira joga o cobertor, brincando.

SAMIRA

Até que ele é bonitinho, Diogo, se deu bem!

DIOGO

Vão se fudê!

INT. APARTAMENTO VAZIO – DIA

Marta e Rafael visitam outro apartamento. O apartamento apa-renta ser novo. Eles caminham pela cozinha. Uma corretora de imóveis os acompanha.

CORRETORA

E essa cozinha é bem ampla, pra quem gosta de
cozinhar, convidar amigos.

RAFAEL

Então não é pra gente, não! Porque aqui ninguém
gosta.

MARTA

Deixa de ser bobo, Rafael.

CORRETORA

Mas também pode pedir para ampliar essa parte para a sala, então. Essa é uma das nossas vantagens. Como estamos entregando agora, podem ser feitas alterações.

MARTA

Imagina, está lindo. Vamos dar mais uma volta nos quartos. Dá licença.

CORRETORA

Fiquem à vontade.

Rafael e Marta caminham para os quartos. A corretora fica mexendo no celular.

MARTA

Rafael, você e suas piadas desnecessárias, né? Vê lá se ela tem a ver com o que fazemos ou deixamos de fazer.

RAFAEL

Aí, mãe, meu Deus, hein! Cada dia pior o senso de humor.

MARTA

Senso de humor, Rafael? Me conhece de outro jeito?

Eles entram em um dos quartos. É um quarto grande com uma vista legal.

RAFAEL

Esse quarto aqui é meu, hein? Fica bem longe do seu, assim não vai ficar te incomodando minhas visitas.

Marta faz uma cara de descontente.

MARTA

É, visitas. Sei. Já ia te dar um sermão, Rafael.

RAFAEL

Precisa nem falar nada. Essa cara aí é a mesma que tu fez pro Diogo aquele dia em casa.

MARTA

E vou fazer que cara, Rafael? Você mal conhece o menino e já está namorando? Trazendo pra dentro de casa.

RAFAEL

O Fábio você não tratava assim. Nem meus amigos. Sei muito bem o que é.

MARTA

E o que é, Rafael? Me diz. É gente estranha em casa, cada hora você tá com uma pessoa. Quanto tempo vai durar isso, âh?

RAFAEL

Gente estranha o caralho, já faz meses. É porque ele é muambeiro, né?

MARTA

Olha a boca, Rafael. E eu nem vi o menino muitas vezes. Só não quero que cada dia você traga

alguém diferente pra dentro de casa, até porque você até furou nossa viagem pra ficar nessa sua aventura aí.

RAFAEL

Aventura? O motivo é que a companhia dele é melhor que a sua. Sabe, por mim você pode pegar um apartamento de um quarto só, porque eu tava pensando, mas já decidi: vou transferir minha faculdade pra São Paulo. Porque você só sabe é reclamar.

MARTA

E você, gastar, Rafael, e não ajuda. Está entendendo? Que você já tem 20 anos e age como um menino. Que seu pai na sua idade...

RAFAEL

É sempre a mesma conversa.

Rafael sai do quarto.

MARTA

(tentando não se alterar)

Volta aqui, Rafael, e deixa a chave do carro.

Ela sai do quarto atrás dele. Mas ele já está saindo pela porta do apartamento. A corretora olha para Marta que retribui com um sorriso falso.

EXT. FRENTE DA CASA DE MARTA – DIA

Marta chega de táxi em frente à sua casa. Ao lado, a Transmuleke está com seu movimento diário.

INT. CASA DE MARTA – DIA

Deise guia a visita de Maurílio, o Mauri da Transmuleke, na casa de Marta. Eles voltam do quintal dos fundos, entrando pela porta da cozinha.

DEISE

Como o senhor viu, a casa está em ótimo estado.
Conheço a Marta há muitos anos e sei do cuidado
com toda a manutenção da casa.

MAURI

Imagino. A casa está ótima. Gostei bastante do espaço dos fundos.

Marta entra em casa e vê os dois vindo da cozinha. Ela sorri.

MARTA

Olá, demorei, mas consegui chegar a tempo.
Prazer, Marta. Maurílio, né?

Estendendo a mão.

MAURI

Isso, prazer!

DEISE

Já mostrei tudo aqui pra ele, ele adorou.

MARTA

Aqui é tudo tranquilo, a vizinhança é ótima. O senhor é daqui?

MAURI

Sim, eu tenho uma empresa aqui do lado. Eu preciso ir, ainda tenho umas coisas pra resolver, mas eu entro em contato, Deise. Obrigado!

Eles vão seguindo até a porta da sala.

DEISE

Qualquer dúvida é só me ligar.

MAURI

Ok, obrigado, daqui eu vou sozinho.

Marta e Deise param na porta da sala, Mauri vai até o portão e sai. Marta fica com uma pulga atrás da orelha.

MARTA

Ele não me é estranho.

DEISE

Sim, ele não falou, ele é dono da empresa aqui do lado, a de transporte.

Marta muda completamente o semblante.

EXT. / INT. TRANSMULEKE – DIA - ENTARDECER

Os muambeiros carregam as cotas para a calçada. O ônibus já está parado, esperando para ser carregado, com os bagageiros abertos. Diogo está sentado na parte de dentro, trocando mensagens com Rafael.

RAFAEL (mensagem)
E aí, ainda tá bravo?

DIOGO (mensagem)
Um pouco.

RAFAEL (mensagem)
Vamos se encontrar no Seu Carlos?
Assino a lista e vou pra lá.

DIOGO (mensagem)
Hm... Blz.

RAFAEL (mensagem)
S2 (coração) inté.

DIOGO (mensagem)
XD (carinha de feliz)

RAFAEL (mensagem)
Ei, deixei minha maconha na sua mochila, traz ela
pra mim.

Polaco passa por Diogo e o interrompe enquanto ele lia a mensagem.

POLACO
E aí, Diogo, vai subir hoje? Teu tio deixô tua cota ali.

DIOGO
Vou não, Polaco. Passa pros menino do Mauri.

POLACO
Depois tu resolve com ele.

DIOGO
Aham.

Diogo pega sua mochila e vai saindo.

Na rua, três carros da polícia militar chegam em alta velocidade. Eles param por entre os ônibus e descem armados, gritando.

POLICIAL 1

Todo mundo pra dentro, vamo.

Os muambeiros começam a se olhar e conversar entre si. Mais uma viatura chega.

Diogo fica apreensivo, olha para os lados, pensa em sair andando sem que alguém o veja, mas não consegue, fica paralisado.

MUAMBEIRO 1

Que que isso? Que que tá acontecendo?

POLICIAL 2

Não ouviram? Deixem as coisas aí e todo mundo
pra dentro.

Os muambeiros acatam a ordem e começam a ir para dentro. Diogo, ainda em choque, está imóvel. Um policial vem em sua direção e o empurra, tirando-o do transe.

POLICIAL 1

Vamo, se mexe. Pra dentro e deixa a mochila ali.

Diogo volta junto com os muambeiros. Mauri aparece, apreensivo, e caminha em direção aos policiais.

MAURI

Que que tá acontecendo? Isso aqui é uma empresa.

POLICIAL 1

É uma denúncia. Vamos averiguar, enquanto isso,
todo mundo esperando lá dentro.

Dois policiais descem com cachorros farejadores que latem
muito, deixando os muambeiros mais amedrontados.

POLICIAL 2

Quem é o responsável aqui?

MAURI

Sou eu.

POLICIAL 1

Então, o senhor me acompanhe.

Os muambeiros esperam lá dentro. Os policiais vão entrando.
Diogo está nervoso.

POLICIAL 4

Mochilas e pertences desse lado, vamo.
Vocês para lá.

Enquanto alguns policiais revistam as mercadorias, deixando
tudo aberto e jogado pela sala, os cachorros farejam as mochi-
las e pertences dos muambeiros.

Um cachorro começa a latir para a mochila de Diogo. O policial
revista a mochila e, sem dificuldade, acha a porção de maconha
deixada por Rafael.

POLICIAL 3

(mostrando a mochila para os muambeiros)
De quem é esse pertence?

Silêncio.

Diogo faz uma cara de espanto, não entendendo muito bem.

POLICIAL 3

Vou perguntar de novo. De quem é essa mochila?

Diogo engole seco e vai se apresentar. Arnaldo surge na frente dele.

ARNALDO

É minha.

Arnaldo olha com reprovação para Diogo. Bruscamente, o policial dá uma chave no braço de Arnaldo, machucando-o e o conduzindo em direção à porta. Nesse momento, Amarilda parte para cima do policial.

AMARILDA

Você tá machucando ele. Solta!

O policial empurra Amarilda, que cai. Nesse momento, um tumulto toma conta do local. Os cachorros latem muito.

Os muambeiros tentam puxar Arnaldo de volta. Os policiais que estavam revistando o ônibus correm para dentro da Transmuleke. Agressivos, desferem golpes com seus cassetetes.

Nesse jogo de empurra-empurra, Diogo parte pra cima dos policiais e é arremessado contra a porta de vidro, que quebra em estilhaços.

EXT. FRENTE DA TRANSMULEKE – NOITE

O ônibus da Transmuleke ainda está ali, parado. A empresa está aberta e alguns muambeiros estão na calçada. Alguns estão no telefone, outros conversam entre si, apreensivos.

Dentro da Transmuleke, uma bagunça. Sangue no chão, produtos abertos e pisoteados e mochilas jogadas.

Em uma rodinha perto do carro estão Baiano, Polaco e Vera.

BAIANO

É isso aí. Nascer pobre só se fode.

VERA

Não tem procedência isso. O Arnaldo eles têm que liberar.

POLACO

O Mauri tá tentando resolver isso. E já viu esses cara trabalhar na lei, Vera?

VERA

E o arrego não tava certo?

Rafael chega com o carro de sua mãe e para embicando na garagem.

BAIANO

É esses filha duma rapariga aí. Eles não falaram que foi denúncia?

VERA

E quem vai sabê?

Baiano, nervoso, pega uma pedra grande na calçada e vai em direção ao carro.

Polaco percebe e corre segurá-lo.

POLACO
Ei, Baiano, não!

Baiano dá uma pedrada no vidro do passageiro, trincando.

BAIANO
Foram vocês, né! Olha lá o que aconteceu!

O pessoal que está na calçada corre até ele, segurando-o também. Polaco impede a segunda pedrada. Rafael, em choque, sai de ré e vai embora dali.

EXT. CALÇADA – BAR DO SEU CARLOS – NOITE

Rafael está sentado no Bar do Seu Carlos, assustado. O carro está estacionado em frente, com o vidro trincado.

Ele tenta ligar para Diogo. O telefone está fora de área. Ele manda uma mensagem de voz pelo WhatsApp.

RAFAEL (msg voz)
Ei, fiquei te esperando e você furou comigo.
E tava chegando em casa e ainda aqueles loucos
da Transmuleke jogaram uma pedra no meu carro.
Que que houve?

Seu telefone toca, ele olha a tela: “Mãe”.

INT. COZINHA – CASA DE MARTA – DIA

Rafael, com cara de quem não dormiu bem de noite, toma café sozinho na bancada da cozinha. Marta entra pela porta da sala e vai até a cozinha pegar um café.

RAFAEL
E aí?

MARTA

E aí que já falei pra esse Mauri que alguém vai pagar esse vidro.

RAFAEL
Mas, e aí? Que que aconteceu?

MARTA

Esses loucos desses vizinhos acharam que nós ligamos pra polícia fazendo uma denúncia. Isso que aconteceu.

RAFAEL
Que polícia? Eu devia era ter chamado mesmo, depois daquele louco me agredir.

MARTA
Eles que trabalham com coisas ilegais e quando acontece algo a culpa é sempre do outro, né? Mas eu vou fazer um B.O. por agressão.

RAFAEL
Como assim, mãe?

MARTA
Ai, Rafael. Ontem aconteceu uma batida policial, de tarde, na empresa aí do lado. Por isso aquele delinquente jogou a pedra no carro. Mas acho é pouco, porque falam que é tudo dentro da lei, mas parece que acharam droga aí. Está vendo?

Rafael ouve e fica apreensivo. Ele corre para o quarto.

MARTA (cont'd)

Mas fica tranquilo que já está resolvido o vidro. Vou levar no mecânico e esse Mauri falou que vai pagar.

INT. QUARTO RAFAEL – CASA DE MARTA – DIA

Rafael está mexendo no computador. Ele pega o celular e tenta ligar para Diogo, o celular cai na caixa postal. Rafael joga em um site de buscas: "batida policial ponte da amizade".

Ele acha o resultado de um site de notícias local. Ele entra e lê: "HOMEM É PRESO EM OPERAÇÃO DA POLÍCIA NA PONTE".

INT. DELEGACIA – DIA

Rafael está na recepção da delegacia. Um policial o atende. Algumas pessoas esperam sentadas. Policiais entram e saem.

POLICIAL 1

Humm... Qual o nome mesmo?

RAFAEL

Diogo.

POLICIAL 1

Diogo de quê?

RAFAEL

Não sei. Diogo.

POLICIAL 1

Tá, preciso do sobrenome.

RAFAEL

Diogo, acho que foi preso na batida da ponte.

POLICIAL 1
Ah tá, o muambeiro.

RAFAEL
Isso. Diogo. Ele saiu?

POLICIAL 1
Espera aí.

O policial vai até o computador e consulta.

POLICIAL 1
Tá aqui, não.

RAFAEL
Saiu?

POLICIAL 1
Não sei.

POLICIAL 2
(que está ao lado, em outro computador)
Você é parente?

RAFAEL
É Diogo? Ele tá aí? Como faz pra ver ele?

POLICIAL 1
Olha aqui, moleque, se você não é parente, vai embora, senão você já vai ser autuado por desacato.

EXT. RUAS DO CENTRO DE FOZ DO IGUAÇU – DIA

Rafael anda desolado pelas ruas do centro da cidade. Há um grande movimento de turistas e muito barulho. Rafael mal vê

as pessoas à sua frente, os sons estão abafados, parece estar em outro mundo.

Telefone toca. Rafael o sente vibrar. Olha para a tela: "Mãe". Ele desliga e volta a caminhar.

EXT. RUA DA TRANSMULEKE – DIA

A Transmuleke está fechada. A rua não está tão movimentada quanto antes. A placa de "vende-se" já não está mais na casa de Marta.

INT. QUARTO DE DIOGO – DIA

Diogo olha para o teto deitado em sua cama. Ele tem o pulso enfaixado e escoriações no braço e no rosto. Seu celular toca. Ele olha: é Rafael. Ele desliga o som.

A porta está entreaberta. Ao longe, escutamos Arnaldo e Dora conversar.

ARNALDO (V.O.)
É, foi feio.

DORA (V.O.)
Mas essa história tá meio mal contada.
Essa droga tava onde?

As vozes vão chegando mais perto.

ARNALDO (V.O.)
Eles plantaram, Dora. Cê não sabe como eles são?

DORA (V.O.)
Eu sei, mas sei também que nem todo mundo é
boa gente, né, Arnaldo. Vai saber.

Eles aparecem na porta.

ARNALDO

Deixa eu vê como o menino tá.

DORA

Vô ali passar um café pra gente.

Dora vai em direção à cozinha e Arnaldo entra no quarto e se senta na beirada da cama. Diogo não esboça muita reação e evita olhar para Arnaldo, com vergonha.

ARNALDO

Ei, vai dá um abraço no seu tio, não?
Nem perguntar como ele tá?

Diogo se ajeita e fica sentado na cama, olhando para o horizonte.

DIOGO

Obrigado, tio, por não ter falado nada. Ela ia ficar
decepçãoada.

Diogo abraça forte Arnaldo e começa a soluçá, segurando o choro.

DIOGO

Me desculpa, tio. Me desculpa.

ARNALDO

Calma, Diogo, tudo bem, tudo bem.

O abraço dura alguns segundos. Arnaldo limpa os olhos de Diogo com o dedo e segura firme nos seus ombros.

ARNALDO

Ei, isso não pode acontecer de novo, Diogo. Você é jovem, tem uma vida pela frente. Que que você tava com a cabeça de estar com aquilo bem ali? Cê não sabe da onde a gente vem, não? Foco rapaz!

Agora é ficar bem! Descansa.

Arnaldo se levanta.

DIOGO

O emprego já era, né?

ARNALDO

Você sabia que lá isso era tolerância zero, né?

Arnaldo vai até a cômoda de Diogo, que fica perto da porta. Ele tira algumas notas do bolso em um elástico e deixa dentro de uma gaveta.

ARNALDO

Aqui tá o daquela semana que não cheguei a te parar. E tem um pouquinho a mais, pra você se ajetar. Sabe que gosto muito de você, né?

Diogo gesticula com a cabeça. Arnaldo sai do quarto.

INT. CASA DE MARTA – SALA – NOITE

Rafael assiste TV deitado no sofá. Ele olha seu celular para averiguar se há alguma nova mensagem. Não há.

Marta sai do quarto e vai até a sala. Ela senta no sofá.

MARTA

Rafa, queria te falar que eu recebi uma proposta aqui pela casa e vou aceitar.

Ele dá de ombros, como quem diz não se importar.

MARTA

Na verdade, eu já aceitei, só estamos esperando os trâmites darem certo. Fechei a compra daquele último apartamento que visitamos. Acho que ele está bem pra gente, talvez em umas quatro, cinco semanas, se tudo der certo, estamos mudando.

Rafael não diz nada. Ele se levanta, pega a chave do carro e sai.

MARTA

Rafael! Você ouviu?

EXT. PORTÃO DA CASA DE DIOGO – NOITE

Rafael bate palmas e chama Diogo no portão de sua casa.

RAFAEL

Diogo! Diogo!

A luz acesa denuncia que tem gente em casa, mas ninguém sai. Rafael chama novamente.

RAFAEL

Diooogo!

Quando está quase desistindo, ouve um barulho na porta. Diogo sai.

DIOGO

O que você quer?

RAFAEL

O que eu quero? Eu quero saber por que você não me responde, não me atende, o que aconteceu aquele dia?! Eu quero saber tanta coisa!

Diogo ri sarcasticamente.

DIOGO

Você fode a minha vida, vem na porta da minha casa e acha que tá no direito de cobrar algo? Eu devia é te dar umas porrada, isso sim.

RAFAEL

Eu fudi a sua vida? Há uma semana a gente namorava, cara, fazia planos!

DIOGO

Exatamente, namorava, Rafael! No passado.

RAFAEL

Que que eu te fiz? Aqueles muambeiros me agrediram, eu nem sei o que aconteceu e você tá aí como se eu tivesse causado algo.

Diogo, enfezado, bate contra as grades do portão.

DIOGO

Você tem a cara de pau de falar isso? Você colocou a maconha na minha mochila, Rafael, e não me avisou! Cê tá entendendo? Como você esconde aquela quantidade de maconha na minha mochila e não fala nada? Eu nem sabia que você tinha levado tudo aquilo pra Assunção!

RAFAEL

Como se você também não usasse, né? Eu que sou o errado da história? Eu esqueci, caralho. Quando lembrei, te mandei a mensagem.

Diogo anda de um lado para o outro com a mão na cabeça e olha com cara de indignado para Rafael.

DIOGO

Esqueceu, Rafael? Esqueceu? Porra, eu não sou os seus amigos playboy que pode esquecer que tá com droga no carro, e que nada vai acontecer.

Diogo aponta para a pele dele mesmo. Rafael olha, imóvel, a reação de Diogo.

DIOGO

Tá vendo isso aqui, Rafael? Isso aqui é minha cor, tá vendo? Eu sou preto, caralho. Sabe onde eu trabalho? Viajando, passando cinco postos policiais toda noite,

DIOGO (cont'd)

prestes a ser parado, revistado, farejado, maltratado. Você não sabe o que é isso, Rafael, você não tem a mínima ideia. Pra você tudo isso é diversão. O mundo, os rolês, a sua vida, seus problemas, seu, seu, tudo é você!

Rafael permanece imóvel. Diogo aponta para os machucados.

DIOGO

Olha aqui, tá vendo? Eu me machuquei, outras pessoas se machucaram, meu tio foi preso, eu perdi o meu emprego. Eu decepcionei todo mundo, eles eram a minha família.

...

Vaza daqui.

Diogo bate o portão e entra.

INT. APARTAMENTO NOVO – COZINHA/SALA - NOITE

Marta e Ana tomam um vinho no balcão da cozinha americana. O apartamento ainda está com algumas caixas para arrumar e algumas coisas fora do lugar, no entanto, a decoração árabe que existia na outra casa já não se encontra.

MARTA

Não, estou me acostumando, né, Ana. E aqui estou mais perto de tudo também. Não tem aquele espaço todo vazio, sabe? A gente vai ficando velha, né? Você sabe...

ANA

Já te disse, se fosse você, mudava pra tua casa na ilha, fica fazendo o quê nesse fim de mundo? Eu só não saio porque o Cléber, né...

Rafael sai de um dos quartos, pega a chave do carro e sai.

MARTA

Vai onde, Rafa?

Quando Marta termina de falar, Rafael bate a porta.

MARTA

(colocando vinho em seu copo)
Mais vinho, Ana?

Ana dá um sorriso e acena com a cabeça. Marta serve sua taça.

ANA

Sentindo o Rafa meio pra baixo. Não gostou da mudança? Achei que ele quisesse mais que você.

MARTA

Isso passa. É um pouco pela mudança, um pouco da idade também. Eu joguei umas coisas do pai dele fora, ele não gostou. Mas ele vai embora também, né, Ana. Decidiu que vai transferir a faculdade pra Florianópolis, vai morar lá na nossa casa. Eu acho bom, vai criar um pouco de responsabilidade, amadurecer.

ANA

Então, tá tudo certo, você vai ficar indo sempre pra lá. Já, já, fica vendo, se nem volta mais.

MARTA

Nada, estou velha pra essas aventuras, vou ficar quietinha por aqui mesmo.

EXT. RUA DA TRANSMULEKE – NOITE

Rafael passa de carro em frente à Transmuleke e para. A rua está deserta. Ele abre o celular e manda uma mensagem para Diogo.

RAFAEL (msg)

Me encontra no Seu Carlos?

DIOGO (msg)

Em uma hora?

RAFAEL (msg)

Passo te pegar.

DIOGO (msg)
Não precisa, eu vou de Uber.

Na sua antiga casa, uma luz acende. Ele desliga o celular rapidamente e observa, tentando reconhecer o novo morador.

Mauri aparece na janela da sala. Ele olha para a rua, não vê nada demais, fecha a cortina e a luz volta a se apagar.

Rafael liga o carro e vai embora.

EXT. BAR DO SEU CARLOS – NOITE

Rafael e Diogo estão sentados em uma das mesas da calçada. Há poucas pessoas na rua e no bar. Na mesa, uma garrafa recém-aberta de cerveja.

Eles se olham por alguns segundos, em silêncio.

RAFAEL
Cê vai mesmo?

DIOGO
Vou, parto amanhã.

RAFAEL
Legal, fico feliz.

Diogo serve os copos e toma um gole de cerveja. Eles se olham por alguns instantes.

RAFAEL
Nunca te pedi desculpas direito por tudo aquilo.

DIOGO

De boa, passou, você não tinha noção do que podia acontecer, nem eu.

RAFAEL

Você nunca quis saber, mas lá no Paraguai, seu pai me disse que queria te ver, pra você ir lá. Não sei, se um dia você tiver vontade de ir.

Diogo acena com a cabeça. Silêncio.

RAFAEL

Eu vou embora também, pra Floripa.

DIOGO

Massa. Lá deve ser legal.

RAFAEL

Você pode ir lá me visitar quando quiser.

DIOGO

Acho melhor não.

Silêncio de novo. Eles se olham por alguns instantes. Rafael acaricia a mão de Diogo na mesa.

RAFAEL

Então é isso?

DIOGO

Eu acho que sim.

EXT. TREME-TREME – REGIÃO DA 25 DE MARÇO – MANHÃ

Ainda está amanhecendo e o ônibus da Transmuleke chega na estação do Treme-Treme em São Paulo. Há vários outros ônibus já estacionados. Ao fundo, o Mercado Municipal de São Paulo.

Os passageiros da Transmuleke começam a descer. O motorista abre os bagageiros e dois ajudantes vão tirando as caixas e os sacolões de muamba e gritando nomes, enquanto ainda descem pessoas do ônibus. Tudo muito rápido.

Uma das últimas pessoas a desembarcar é Diogo. Diferente dos outros muambeiros, Diogo pede aos ajudantes que peguem suas duas malas de mão. Arnaldo vem em seu encontro.

Eles se abraçam forte. Diogo olha para ele e sorri.

ARNALDO

Se cuida, hein, menino.

Diogo pega suas malas e sai a caminho da 25 de Março.

CRÉDITOS

FADE OUT



[OUTRAS]
PALAVRAS

1ª edição [2025]

Este livro pertence à coleção Outras Palavras, uma realização da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Cultura do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Composto em Figtree, sobre papel avena 80 g, e impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Copiart em outubro de 2025.

[ROTEIRO DE CINEMA]

SINOPSE

Na tríplice fronteira, entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina, o jovem negro de origem paraguaia, Diogo, começa a trabalhar com seu tio Arnaldo na Trasmuleke, uma empresa de ônibus de muamba que leva diariamente mercadorias da fronteira para São Paulo. Tentando superar a recente morte do irmão, Diogo conhece Rafael, filho único da viúva e herdeira Marta. Com Rafael, Diogo descobre sua sexualidade e é obrigado a lidar com questões de classe, etnia e sobrevivência.

O AUTOR

Felipe Lovo é graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana e mestrandando em Cinema Interzona pela Escuela de Cine y TV de Cuba. É roteirista dos curtas-metragens *Terreiros*, *Zayon*, *Casa das Carnes*, *Felina* e *Power Ranger Vermelho*; e dos longas-metragens *Vila Pérola* e *Quando a Páscoa Chegar*.

Avalie nosso projeto:

